



81ª Semana Paulo Setúbal

"TATUÍ... GUARDO NO CORAÇÃO, GUARDEI SEMPRE EM MINHA SAUDADE A RECORDAÇÃO AMORÁVEL DA MINHA BOA TERRA NATAL", inspirado no capítulo V da obra "Confiteor", de Paulo Setúbal.

DE 1º A 8 DE AGOSTO DE 2023

Homenagem a **Leila Salum Menezes da Silva, "Dona Leila"**.



CONCURSO
PAULO SETÚBAL
LITERATURA E ARTES VISUAIS



PRÊMIO LITERÁRIO 2023
PAULO SETÚBAL



PUBLICAÇÃO DE LIVRO



PREFEITURA DE TATUÍ
www.tatui.sp.gov.br

Secretaria de
**ESPORTE, CULTURA,
TURISMO E LAZER**

MUSEU PAULO SETÚBAL

O Progresso
O Jornal da Cidade Ternura

**21º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS
(ABRANGÊNCIA NACIONAL)**
MODALIDADE CONTO

1º lugar - Rosiane Gonçalves de Oliveira - Obra: "Acéfalos" - Cidade Ocidental / Goiás (GO) - Premiação R\$ 3.000

2º lugar - Carine Valéria Mendes Dos Santos - Obra: "Terradentro" - Maceió / Alagoas (AL) - Premiação R\$ 2.000

3º lugar - Márcio Fernandes Maurício - Obra: "Miss Dólar 2019" - Brasília / Distrito Federal (DF) - Premiação R\$ 1.500

Prêmio Galardão - Lúcio Rodrigues Junior - Obra: "Remetido Sangue" - Tatuí / São Paulo (SP) - Premiação R\$ 1.500

MENÇÃO HONROSA - MODALIDADE CONTO

André Luis Soares - Obra: "Aos Sonhos que Não Derretam ao Sol" - Guarapari / Espírito Santo (ES) Bruno Cola Greggio - Obra: "Redibição" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG)

Fábio José Rios Da Costa - Obra: "Assafah" - Salvador / Bahia (BA)

Gilvanio Moreira - Obra: "O Estrangeiro" - Recife / Pernambuco (PE)

Jaeder Soares Moreira Junior - Obra: "Mudando de Vida" - Minas Gerais (MG)

Joice Poliana Wanner - Obra: "Que Te Carregue" - Paulínia / São Paulo (SP)

Lauro Roberto Elme - Obra: "Leopold Esperantino 'O Magnífico' Versus Hypnotrix" - Praia Grande / São Paulo (SP)

Marcel Sepúlveda Beliene Júnior - Obra: "O Palácio de Papelão" - São Fidélis / Rio de Janeiro (RJ)

Marcos José Custódio Neto da Silva - Obra: "Escuro" - São Luís / Maranhão (MA)

Maria Cristina Siqueira - Obra: "Mulher de Superfície em Mergulho Privado" - Tatuí / São Paulo (SP) Mônica Beatriz Bockor - Obra: "O Olho do Conde" - Registro / São Paulo (SP)

Oséias Mendes de Oliveira - Obra: "Pedras De uma Pirâmide" - São Bernardo do Campo / São Paulo (SP)

Ricardo França de Gusmão - Obra: "A Sala de Aula dos Passarinhos e O Professor que Aprendeu a Voar" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Ronaldo Dória dos Santos Júnior - Obra: "Cativo" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Sadi Pierozan - Obra: "A Carta" - Canoas / Rio Grande do Sul (RS)

MODALIDADE CRÔNICA

1º lugar - Rodrigo Cañete Madeira - Obra: "Meu Emérito Barbeiro" - Curitiba / Paraná (PR) - Premiação R\$ 3.000

2º lugar - Francisco Falabella Rocha - Obra: "Acabou a Poesia!" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG) - Premiação R\$ 2.000

3º lugar - Diogo Tadeu Silveira - Obra: "Esse Ano" - Oliveira / Minas Gerais (MG) - Premiação R\$ 1.500 Prêmio Galardão - Paulo Eduardo Flores da Silva - Obra: "Cronesia - Crônica de Uma Poesia Reticiente" - Tatuí / São Paulo (SP) - Premiação R\$ 1.500

MENÇÃO HONROSA CRÔNICA

Bruna Santos Silva - Obra: "Estiagem" - Fortaleza / Ceará (CE)

Daniilo Drumond Avelino - Obra: "Fobias Aéreas" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG) Rafael Imbroisino Gonçalves - Obra: "Aprendendo a Latir" - Rio De Janeiro / Rio De Janeiro (RJ)

Eduardo Alves de Miranda - Obra: "A Poltrona Rebelde" - Tatuí / São Paulo (SP)

Felipe Ribeiro Pires de Moraes - Obra: "Lourdes" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG)

José Carlos Mendes Brandão - Obra: "O Homem Sem Nome" - Bauru / São Paulo (SP)

Maria Denise dos Reis Pimentel - Obra: "A Larva Saprófita" - Brasília / Distrito Federal (DF)

Maria Medianeira Agostini Mello - Obra: "Culpa do Sistema" - São José / Santa Catarina (SC)

Odimar Justino Martins Proença - Obra: "A Luz das Estrelas" - Tatuí / São Paulo (SP)

Robson de Jesus Silva - Obra: "O que É a Vida?" - São Paulo/São Paulo (SP)

MODALIDADE POESIA

1º lugar - José de Assis Freitas Filho - Obra: "Ensaio para uma Teoria Sobre o Critério da Verdade" - Feira de Santana / Bahia (BA) - Premiação R\$ 3.000

2º lugar - Silvio Valentin Liorbano - Obra: "A Lágrima do Peixe" - Osasco / São Paulo (SP) - Premiação R\$ 2.000

3º lugar - Daniela Rezende Seixo de Brito Mendes Fernandes - Obra: "Pinceladas do Mestre" - Goiânia / Goiás (GO) - Premiação R\$ 1.500

Prêmio Galardão - Danielle Oliveira de Menezes Pinto Rafful Kanaway - Obra: "Sopa de Letrinhas" - Tatuí / São Paulo (SP) - Premiação R\$ 1.500

MENÇÃO HONROSA - MODALIDADE POESIA

Anna Lúcia de Souza Maestri - Obra: "Declamação de Bems" - São Paulo / São Paulo (SP)

Carolina Rieger Massetti Schiavon - Obra: "A Poesia da Língua" - Osasco / São Paulo (SP) -

Carolina Valverde - Obra: "VerboSer" - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG)

Cássio Andrade Fonseca - Obra: "Ser e Não Ser" - Três Corações / Minas Gerais (MG)

Douglas Massamitsu Yamakami - Obra: "Redivivo" - São Paulo / São Paulo (SP)

Gabriel Marques Messias - Obra: "Bem Devolvido" - São Paulo / São Paulo (SP)

Gabriel Nunes Yared Lima - Obra: "Sementes" - Macapá / Amapá (AP)

Gabriela Guinatti Crivelaro Lopes - Obra: "Parto" - Campinas / São Paulo (SP)

Jade Porfírio Cardoso Espinoza - Obra: "Poema da Ecolalia" - Brasília / Distrito Federal (DF)

José Cupertino de Freitas Júnior - Obra: "Um Não Agosto" - Fortaleza / Ceará (CE)

José Manuel da Silva - Obra: "Realidade Crua" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Luiz Paixão Lima Borges - Obra: "O Tamanho da Fome" - Betim / Minas Gerais (MG)

Oly Cesar Wolf - Obra: "Alma Infante" - Campo Largo / Paraná (PR)

Otacílio Cesar Monteiro - Obra: "Porta Retrato" - Limeira / São Paulo (SP)

Régia Mabel da Silva Freitas - Obra: "Uma Intelectual Protagonista" - Salvador / Bahia (BA)

Ronaldo Dória dos Santos Júnior - Obra: "Oitenta Tiros" - Rio de Janeiro / Rio de Janeiro (RJ)

Saleta Magalhães Alves - Obra: "Quando as Nuvens Não São Mais de Algodão" - Coaraci-Bahia / Bahia (BA)

Vidomar Silva Filho - Obra: "Canto para a [Minha] Morte" - São José / Santa Catarina (SC)

Roberto Basílio de Matos - Obra: "Semente" - Cotia / São Paulo (SP)

**Prêmio Galardão - destina-se única e exclusivamente a obra de autor(a) nascido(a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí.*

**VENCEDORES DO CONCURSO DE
LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL**
**CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL
(1º E 2º ANO)**

1º lugar - medalha e prêmio de R\$ 800 Alice Coelho Teodoro Aires - 1º B

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo" Diretor(a): Maria Aparecida Almeida

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa

2º lugar: medalha e prêmio de R\$ 600 Kauan Myguel Machado Pedro - 2º B

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo" Diretor(a): Maria Aparecida Almeida

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Ione Takenouchi Bieco

3º lugar: medalha e prêmio de R\$ 400 Manuella Proença Couto - 2º C

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo" Diretor(a): Maria Aparecida Almeida

Professor(a) Contemplado(a) pelo edital: Ione Takenouchi Bieco

Menção honrosa- certificado para os(as) alunos(as): Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"

Diretor(a): Maria Aparecida Almeida Professor(a) Elis Regina Prestes Barbosa

Yasmin Kazumi Capinetti Noda - 2º D Miguel da Silva Marques - 1º C

Maria Clara Machado de Campos - 1º C

Emef "Profª. Lígia Vieira de Camargo Del Fiol" Diretor(a): Raquel Bimbatti Paes

Professor(a) Denise Martins Tabata Caetano André - 1º E

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo" Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti

Professor(a) Adriana Corrêa Camargo Fabiano Paulo Karling Filho - 1º C

Lorena Rodrigues Avelar - 1º C Miquéias dos Anjos Santos Soares - 2º A

Professor(a) Elis Regina Prestes Barbosa Maria Júlia Lobo de Souza - 1º A

Emef "Profª. Sarah de Campos Vieira dos Santos" Diretor(a): Maria Ester Gaspar de Nascimento

Professor(a) Ana Claudia Candido Silveira Isabela Furtado Soares - 2º B

Emef "Profª. Teresinha Vieira de Camargo Barros" Diretor(a): Ana Paula Camargo Bonassoli

Professor(a) Angélica Ferreira Mateus Oliveira Gomes - 2º B

**VENCEDORES DO CONCURSO DE
LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL**
**CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL
(3º, 4º E 5º ANO)**

1º lugar - medalha e prêmio de R\$ 800 Clara Lis Prestes de Paula - 3ª A

Emef "Prof. Firmo Antônio de Camargo Del Fiol" Diretor(a): Elenice da Mota Couto

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Marisa Aparecida de Oliveira Fernandes

2º lugar: medalha e prêmio de R\$ 600 Manuella Bastos Cardoso - 4º B

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo" Diretor(a): Maria Aparecida Almeida

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa

3º lugar: medalha e prêmio de R\$ 400 Sofia dos Santos Dias - 4º A

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo" Diretor(a): Maria Aparecida Almeida

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa

Menção honrosa- certificado para os(as) alunos(as): Emef "Prof. Eugênio Santos"

Diretor(a): Andreia Aparecida Soares Professor(a) Maria Elisa Kruze Machado Ribeiro

Guilherme da Silva Ferreira - 4º E Professor(a) Silvia Canto

Maria Gabriela Hessel Silveira - 4º B Maria Clara de Moraes Vieira - 4º B

Emef "Prof. Firmo Antônio de Camargo Del Fiol" Diretor(a): Elenice da Mota Couto

Professor(a): Jairo Ávila Gustavo Silva - 5º D

Emef "Profª. Lígia Vieira de Camargo Del Fiol" Diretor(a): Raquel Bimbatti Paes

Professor(a) Denise Martins Vinicius Pereira Cunha - 5º A

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo" Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti

Professor(a) Adriana Corrêa Camargo Isabelly Vitória Alves Negreiros - 5º A

Debora Gusmão Palermo - 5º A Sara Esquitini Gonçalves - 4º B

Emef "Profª. Teresinha Vieira de Camargo Barros" Diretor(a): Ana Paula Camargo Bonassoli

Professor(a) Angélica Ferreira Ana Isabelly Brito Garbin - 5º E

Professor(a) Elaine Cristina Pedroso Demarchi Alice Batista Moura - 4º C

**VENCEDORES DO CONCURSO DE
LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL**
CATEGORIA - EDUCAÇÃO ESPECIAL

1º lugar - medalha e prêmio de R\$ 800 Lucas Alexandre Ferreira de Almeida - 4º C

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo" Diretor(a): Maria Aparecida Almeida

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Ione Takenouchi Bieco

2º lugar: medalha e prêmio de R\$ 600 Nicolas Ezequiel Gonçalves Pereira - 5º D

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo" Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Adriana Corrêa Camargo

3º lugar: medalha e prêmio de R\$ 400 Enzo Gabriel da Silva Couto - 4º E

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo" Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Nanci Soares de Barros Tavares

Menção honrosa- certificado para os(as) alunos(as): Emef "Prof. Eugênio Santos"

Diretor(a): Andreia Aparecida Soares Professor(a) Rosângela Papst Machado de Oliveira

Samuel Pereira Ramalho - 3º D

Emef "Prof. Firmo Antônio de Camargo Del Fiol" Diretor(a): Elenice da Mota Couto

Professor(a): Marisa Aparecida de Oliveira Fernandes Lucas Elias da Silva Filho - 1º B

Emef "Prof. José Galvão Sobrinho" Diretor(a): Adriana Hermelina Pereira Cresciulo

Professor(a): Tânia Maria Daroz Bertagna Marcos Vinicius Gomes de Azevedo - 5º C

Emef "Prof. José Tomás Borges" Diretor(a): Mariana Zani

Professor(a): Ione Takenouchi Bieco Pierre Vieira de Souza - 5º A

Saron Teles Vaz de Moraes - 5º A

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo" Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti

Professor(a) Adriana Corrêa Camargo Abyner Sergio Miranda Bastos - 5º D

Heloisa Araújo Serafim - 5º D

Emef "Profª. Teresinha Vieira de Camargo Barros" Diretor(a): Ana Paula Camargo Bonassoli

Professor(a) Elaine Cristina Pedroso Demarchi Miguel Francisco Garcia dos Santos - 2º C

Camila Fernandes Barbosa - 2º C Henrique Rodrigues Aguiar da Hora - 2º D

**VENCEDORES DO CONCURSO DE
LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL**
**CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL
(6º E 7º ANO) - LITERATURA**

1º lugar - medalha e prêmio de R\$ 800 Obra: "Tatuí, 'Doce' Tatuí"

Marya Eduarda Aleixo - 6º B Emef "Profª. Eunice Pereira de Camargo"

Diretor(a): Maiara Marx Luz Fiuza Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cleusa Elias Corrêa Fidêncio de Oliveira

2º lugar: medalha e prêmio de R\$ 600 Obra: "Minhas Aventuras em Tatuí"

Samuel Bueno Vieira - 6º B PEI "Chico Pereira"

Diretor(a): Marco Antônio Vieira Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cristiane Villanueva Rodrigues

3º lugar: medalha e prêmio de R\$ 400 Obra: "Minha Cidadezinha, Tatuí!"

Emanuel dos Santos Gonçalves - 7º D Emef "Profª. Eunice Pereira de Camargo"

Diretor(a): Maiara Marx Luz Fiuza Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Thais de Moraes Neves

Menção honrosa- certificado para os(as) alunos(as): Emef "Profª. Eunice Pereira de Camargo"

Diretor(a): Maiara Marx Luz Fiuza Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Thais de Moraes Neves

Emef "Profª. Eunice Pereira de Camargo" Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a): Carmelina Holtz Tavares Obra: "Tatuí... Minha Terra, Meu Chão" - Ionice Araújo Nicodemos - 7º

Obra: "Tatuí: Minha Cidade de Origem" - Gustavo Henrique Werneck de Souza - 9º

Professor(a): Thais de Moraes Neves Obra: "O Ilustre Filho de Tatuí" - Janeide Ferreira Medeiros - 6º

Emef "Profª. Eunice Pereira de Camargo" Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a): Carmelina Holtz Tavares Obra: "Tatuí... Minha Terra, Meu Chão" - Ionice Araújo Nicodemos - 7º

Obra: "Tatuí: Minha Cidade de Origem" - Gustavo Henrique Werneck de Souza - 9º

Professor(a): Thais de Moraes Neves Obra: "O Ilustre Filho de Tatuí" - Janeide Ferreira Medeiros - 6º

Emef "Profª. Eunice Pereira de Camargo" Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a): Carmelina Holtz Tavares Obra: "Tatuí... Minha Terra, Meu Chão" - Ionice Araújo Nicodemos - 7º

Obra: "Tatuí: Minha Cidade de Origem" - Gustavo Henrique Werneck de Souza - 9º

Professor(a): Thais de Moraes Neves Obra: "O Ilustre Filho de Tatuí" - Janeide Ferreira Medeiros - 6º

**VENCEDORES DO CONCURSO DE
LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL**
**CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL
(8º E 9º ANO) - LITERATURA**

1º lugar - medalha e prêmio de R\$ 800 Obra: "Minha Doce Infância"

Maria Rita Chrsitofori - 8º Colégio Anglo de Tatuí

Diretor(a): Luis Rossi Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Marry Calvíño

2º lugar: medalha e prêmio de R\$ 600 Obra: "Tatuí, Cidade de História, Música e Paixão"

Gustavo Soares Rosa - 8º Colégio Anglo de Tatuí

Diretor(a): Luis Rossi Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Marry Calvíño

3º lugar: medalha e prêmio de R\$ 400 Obra: "Continua a Florescer"

Vinicius Della Terra Ramos Rodrigues - Júlia Cóvos Calixto Rodrigues - 8º Colégio Anglo de Tatuí

Diretor(a): Luis Rossi Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Marry Calvíño

Menção honrosa- certificado para os(as) alunos(as): Colégio Anglo de Tatuí

Obra: "Tatuí, Meu Pedaco de Céu" Otávio de Miranda - 8º

Diretor(a): Luis Rossi Professor(a): Marry Calvíño

PEI "Barão do Suruí" Obra: poema "Tatuí Tão Doce quanto as Goiabas"

Mariana Emily Matias de Azevedo - 9º Diretor(a): Adriana Cristina Rainho da Silveira Professor(a): Ismael Cleto

Nebam "Ayrton Senna da Silva" Obra: "Lembranças de Paulo Setúbal"

Rafaella de Oliveira Martins - 9º D Diretor(a): Renata Marciano de Oliveira Rodrigues dos Santos

Professor(a): Natália Kelly Silveira de Campos Gomes

**VENCEDORES DO CONCURSO DE
LITERATURA E ARTES VISUAIS PAULO SETÚBAL**
**CATEGORIA - EDUCAÇÃO PARA
JOVENS E ADULTOS - EJA**

1º lugar - medalha e prêmio de R\$ 800 Obra: "Início e Meio da Minha História em Tatuí"

Lucimar Cabral do Nascimento - 9º Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira Professor(a) Contemplado(a) pelo edital: Carmelina Holtz Tavares

2º lugar - medalha e prêmio de R\$ 600 Obra: "Bem-Vindo a Tatuí"

Kaiane dos Santos Pereira - 7º Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira Professor(a) Contemplado(a) pelo edital: Carmelina Holtz Tavares

3º lugar - medalha e prêmio de R\$ 400 Obra: "A História da Família Paulo e Diniz"

Patrícia Diniz - 9º Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira Professor(a) Contemplado(a) pelo edital: Carmelina Holtz Tavares

Menção honrosa- certificado para os(as) alunos(as): Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira Professor(a): Carmelina Holtz Tavares

Obra: "Tatuí... Minha Terra, Meu Chão" - Ionice Araújo Nicodemos - 7º

Obra: "Tatuí: Minha Cidade de Origem" - Gustavo Henrique Werneck de Souza - 9º

Professor(a): Thais de Moraes Neves Obra: "O Ilustre Filho de Tatuí" - Janeide Ferreira Medeiros - 6º

EDITAIS DO MUSEU HISTÓRICO "PAULO SETÚBAL"

01/2022 - PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS, DE ABRANGÊNCIA NACIONAL

O Prêmio Literário Paulo Setúbal recebeu inscrições no período de 14 de fevereiro a 31 de março, para o edital de fomento aos setores literário e cultural.

O certame literário de abrangência nacional recebeu 1.904 inscrições de todos os 26 Estados mais DF, somando o total de 517 cidades, e as inscrições contabilizadas foram para: poesia, 43,9%; conto, 35,6%; crônica, 20,5%; e concorrentes ao Prêmio Galardão, 3,8%.

Os troféus do Prêmio Literário Paulo Setúbal, criados em 2019, são feitos em latão polido (ouro) para os contemplados em 1º lugar; os troféus do 2º lugar recebem troféu em alumínio polido (prata); e o terceiro lugar, em latão patinado de castanho (bronze), todos personalizados com base de granito e plaqueta em latão com o nome dos vencedores grafados.



02/2023 - 3º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA - SELEÇÃO E PREMIAÇÃO DE PROPOSTAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS

O 3º Festival de Arte e Cultura de Tatuí tem por finalidade selecionar e premiar propostas artísticas e culturais, nas mais diversas linguagens, para apresentação presencial ou com finalidade de exibição em plataformas digitais que podem ocorrer no período de agosto a dezembro de 2023 no Museu Histórico "Paulo Setúbal".

O Edital de Cultura recebeu 96 inscrições e selecionou 25 propostas de apresentações das mais variadas linguagens artístico-culturais, na qual cada uma receberá o valor de R\$ 2.000, totalizando R\$ 50 mil.

As inscrições ocorreram de 14 de fevereiro a 31 de março, e os contemplados receberam a condecoração no dia 4 de maio, no Museu Histórico "Paulo Setúbal" - Dia Municipal da Literatura Tatuiana.



RELAÇÃO DOS CONTEMPLADOS: Aline Ferreira Costa dos Santos (projeto: Oficina de Forró: Percepção do Pé de Serrá e Eletrônico), Aline Rolbes de Oliveira (Bate Lata e Aquilombamento), Amanda Antunes Barbosa Luvizotto (Ruby Woo Apresenta: Pop-a-Billy), Ana Cristina Silva Machado (Mostra de Dança - Coreografando 1,2,3 - Solos, Duos e Trios); Dalila Ribeiro Guimarães (Contar e Cantar e com Asas Voar), Diego Wilian do Nascimento Ramos (Street Photography | A Poética do Agora), Elvis Mendes Leal (Hip-Hop Histórico), Esmeraldo

Donizete da Silva (Caninha Verde - Tradição de Nossa Terra), Felipe Gabriel de Souza (Cantoria, Varais e Poesia Gabriel Strozi - Tiago Augusto - Yuri Gonzaga), Fernnanda Quésia Rodrigues Alves (Visita Teatralizada: Os Segredos do Museu Paulo Setúbal), José Marcos Pavaneli (A Maravilhosa Escola de Circo), Lais Andressa Paes (Trio Som de Maria), Liliana Rosa dos Reis (Minha Terra Tem Arteira, Onde Gosto de Andar), Luis Fernando da Silva Pinto (Xote no Escuro!), Maria Cristina Siqueira (Era Tanta Ternura que Virou Doce II), Maria Inês de Camargo Machado (Noite da Seresta com Ternura - 10 Anos no Museu), Mayara Cristina Silva de Almeida (Coragem), Odair Cardoso Junior (Grupo Mourão da Porteira), Raquel Carpejani Felix Morais (Paulo Setúbal em Verso, Melodia e Canções), Raul Galhego da Silva (Vozes da Arte de Tatuí: Fortalecendo a Diversidade e a Representatividade por Meio de Entrevistas com Artistas Locais), Reginaldo Cesar Silva de Almeida (The Brothers), Ricardo Hiroaki Oba (Arte das Ruas vol. 4 - O Hip Hop Vai Até Você), Roseli Aparecida Tureck de Moraes Colina (Memórias de Paulo ...), Tiago Augusto Marcos (curta-metragem "Memórias em Movimento: Entre Versos e Paisagens de uma Alma Cabocla"), Zacarias Camargo (Cururu - Tradição de Nossa Terra).

03/2023 - PUBLICAÇÃO DE LIVROS



Inédito na produção literária da terra de Paulo Setúbal, o edital apresentou como finalidade selecionar e premiar escritores tatuianos, comprovadamente residentes em Tatuí, para a publicação de livros. As inscrições ocorreram de 14 de fevereiro a 31 de março, e foram registradas 25 propostas de publicações.

A premiação somou o total de R\$ 24 mil, divididos em três propostas de publicação literária, sendo que a seleção e a premiação serão de apenas uma proposta por proponente, no valor de R\$ 8.000 cada.

Foram agraciados: Laura Rodrigues de Souza (projeto: Vozes da São Martinho), Raquel Prestes Ferreira de Moraes (Tatu Cantarola) e Thiago de Castro Leite, (Formação de Espectadores: Entre Navegares, Armadilhas e Quebra-Cabeças).

04/2023 - CONCURSO PAULO SETÚBAL LITERATURA E ARTES VISUAIS

Sobre o tema - "Tatuí... guardo no coração, guardei sempre em minha saudade a recordação amorável da minha boa terra natal", inspirado no capítulo V da obra "Confiteor", de Paulo Setúbal.

Sobre a Medalha - Medalha elaborada pelo artista design tatuiano Binho Vieira, publicitário, poeta, designer, músico, fotógrafo e gestor de marketing, para as comemorações do 21º Concurso Paulo Setúbal-Literatura e Artes Visuais, que apresenta duas faces.

A face frontal mostra a cidade de Tatuí, o Estado de São Paulo, por meio da sigla SP, e o ano de realização do concurso e produção da obra, 2023.

Na mesma face, há o texto tema do concurso, que se destaca acima do "Eu confesso", obra essa onde o escritor tatuiano acentua: "Minha Vida é certo nada tem de grande nem de brilhante nem de singular que

mereça letra de forma. É uma vidazinha como mil outras. Pode ser que essa minha obscura vida sirva acaso de lenitivo e soerguimento a algum desconhecido irmão...".

Abaixo, a assinatura de Paulo Setúbal, tudo envolta no texto que leva o título do certame: "21º CONCURSO PAULO SETÚBAL- LITERATURA & ARTES VISUAIS".

O verso, produzido pelo criador do movimento "TIJOL - Movimento Artístico Tatuiano Baseado em Fazer Artes com as Linhas, Círculos e a Desconstrução do Tijolo Baiano", apresenta, ao lado esquerdo, os traços do movimento artístico que margeia a linha da vida de uma mão que, com ternura, dedica-se ao próximo, simbolizado pelas linhas do coração que se ligam a outra mão, por meio do ato da leitura, representada por uma criança de pernas cruzadas e livro na mão, destacando o entendimento de que "Ler é uma forma de produção de sentidos e afetividade, que pode contribuir para a expansão da forma de ver e desvendar o mundo".



EXPEDIENTE

Prefeito Municipal
Professor Miguel Lopes Cardoso Júnior

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer
Douglas Dalmatti Alves de Lima (Buko)

Secretária de Educação
Elisângela da Costa Rosa Cecílio

Diretor Estratégico do Departamento de Cultura e Gestor do Museu Histórico Paulo Setúbal
Rogério Vianna

Comissão da 81ª Semana Paulo Setúbal
Davison Cardoso Pinheiro
Douglas Dalmatti Alves de Lima
Flávia Ferreira Machado
Márcia Aparecida de Oliveira Freitas
Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará
Rogério Donizete Leite de Almeida

Equipe do Museu "Paulo Setúbal"
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira
Leila Maria Leite Miranda
Luiz Antônio Fernandes Guedes
Osias Bispo dos Santos

Regiane Domingues Francisco
Gávea Empreendimentos Culturais
Rose Mary Raymundo Falchi

Montagem do tabloide
Cristiano Guimarães
Rogério Donizete Leite de Almeida

Edição do tablóide
Empresa de Comunicação Tatuí Cidade Ternura

Comissão julgadora Edital MHPs 01/2023 - do 21º Prêmio Literário Paulo Setúbal

Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)
Gávea Empreendimentos Culturais
Mônica Taunisses Braga de Oliveira

Comissão de avaliação Edital MHPs 02/2023 - 3º Festival de Arte e Cultura de Tatuí
Benerami Sulivam Vieira
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira
Wesley Salomão Soares

Comissão de avaliação Edital MHPs 03/2023 - Publicação de Livros
Benerami Sulivam Vieira

Rose Mary Raimundo Falchi
Luís Bernardo Trindade

Comissão julgadora Edital MHPs 04/2023 - do 21º Concurso Paulo Setúbal Artes Visuais (abrangência municipal)
Raquel Fayad
Marli Fronza
Rodrigo Villa

Literatura (abrangência municipal)
Cristina Siqueira
Denise Badim
Ivan Camargo

LITERATURA - 6º E 7º ANO

1º LUGAR - **Marya Eduarda Aleixo** - 6º B
Emef “Profª. Eunice Pereira de Camargo”
Diretor(a): Maiara Marx Luz Fiuza
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Cleusa Elías Corrêa Fidêncio de Oliveira

2º LUGAR - **Samuel Bueno Vieira** - 6º B
PEI “Chico Pereira”
Diretor(a): Marco Antônio Vieira
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Cristiane Villanueva Rodrigues

3º LUGAR - **Emanuely dos Santos Gonçalves** - 7º D
Emef “Profª. Eunice Pereira de Camargo”
Diretor(a): Maiara Marx Luz Fiuza
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Thais de Moraes Neves

“Tatuí, ‘Doce’ Tatuí”

“Oh que saudades que tenho...”
da minha terra querida
Será Paris, Roma ou Londres?
Não, não, não...
Estou falando do lugar em que nasci,
Minha doce Tatuí!!!

Aqui a vida é simples
Com plural singularidade
É acolhedora, aconchegante
e tranqüila
Berço de várias celebridades!

É pequena e gigante
Por natureza
Muita coisa nos encanta
Como os doces caseiros,
A ternura deste povo
E a música, que aos males espanta!

Andar por suas ruas
Prestigiando suas cores,
Nos dias de primavera,
E ouvindo os tão únicos e especiais
Sotaques deste povo
Diferente dos demais!

Nos remete ao Confiteiro
Livro consagrado
Que revela muitos segredos,
De emoção, alegria,
Angústia, promessas,
Dias de luta, dias de glória
De um célebre escritor!

Que tão bem a descreveu
Dando-nos a oportunidade
De a conhecermos tão profundamente
Como se ali tivéssemos vivido
Em sua época, sentindo tudo
Até mesmo os aromas
Que não estavam no ar,
Mas somente em sua saudade!

“Minhas Aventuras em Tatuí”

Tatuí é uma cidade que fica no interior de São Paulo. Eu não sou daqui. Eu nasci em Sorocaba em 1º de março de 2012. Eu sempre gostei da escola, modéstia parte, sempre fui muito inteligente. Quando saí da escolinha que eu chamava de “Prezinho” e fui para a minha primeira escola, a Maria da Conceição Oliveira Marcondes, fiz muitos amigos, mas nada se compara à escola em que estou hoje: Chico Pereira.

Aqui conheci o Cauã, grande amigo meu, conhecido como “Cirilo” ou “Vini Júnior”, tem também o Arthur, que fica de risadinha com a menina por quem sou apaixonado, o Herick, mais conhecido como “Gordinho” e o Carlos, chamado de “Timão”. Como não poderia faltar no cotidiano de um garoto de 11 anos o assunto “garotas”, gosto de uma menina de mechas vermelhas, olhos verdes, pele branquinha, magrinha e dona de um estilo peculiar, veste preto e ama rock.

Em minha recordação de menino, destacam-se momentos vividos com meu avô e meu irmão a andar de bicicleta pelas origens de Tatuí: Santa Adelaide, bairro onde meu avô e seus irmãos nasceram; caminhadas pelas avenidas de Tatuí, pescaria no rio Manduca e grandes voos com meu avô em seus aeromodelos, miniaviões com bateria ou a gasolina. Isso me faz lembrar de uma curiosidade sobre Tatuí que eu vi esses dias: é que ela possui um dos céus mais bonitos do mundo, além de ser conhecida como Capital da Música.

Certamente, tenho tesouros de sobra para guardar no baú de minhas memórias proporcionadas pelas terras de Tatuí.

“Minha Cidadezinha, Tatuí!”

Tatuí... uma cidadezinha tão linda, que faz meu coração alegrar-se ao notar sua evolução com o passar dos anos. Estudo há 7 anos e sempre estudei sobre o legado e a história de Paulo Setúbal.

Paulo foi um escritor muito prestigiado, inclusive, no apogeu de sua carreira, foi condecorado com uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Com certeza, uma grande inspiração, não apenas para mim, mas para todos os tatuianos.

Minha cidade natal é conhecida nacionalmente como a Capital da Música e dos doces. Um lugar acolhedor e muito tranqüilo para se viver. Paulo Setúbal, nosso ilustre filho, gostaria de te conhecer, pena que você não está mais entre nós. Tatuí, muito se orgulha por ter criado um grande homem, que deixou um legado importantíssimo à literatura brasileira, um imortal. Sua vida, sua história, sua bibliografia, enfim, tudo foi um exemplo de superação e genialidade.

Minhas memórias em Tatuí são maravilhosas e guardo elas comigo, assim como Paulo Setúbal. De todas elas, a minha preferida foi a da Praça da Matriz, quando eu dancei quadrilha com meus colegas de escola e no dia que fui pela primeira vez ao museu Paulo Setúbal.

Paulo, jornalista, escritor, poeta, advogado e inspiração para todos!

LITERATURA - 8º E 9º ANO

1º LUGAR - **Maria Rita Chrsitofori** - 8º
Colégio Anglo de Tatuí
Diretor(a): Luis Rossi
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Marry Calviño

“Minha Doce Infância”

Sob um belo papel e uma caneta que a modernidade me proporciona, registro, aqui, lembranças de um passado longínquo, quando me sentava nos bancos da antiga praça da Matriz ao lado de meu grande amigo Paulo. Juntos, contemplávamos as ruas poeirentas onde as carroças puxadas por bois levavam leite em garrafas de vidro para as donas de casa, o sino badalava anunciando a missa das sete. Ah, que saudades! Ainda sinto o sabor das doces jabuticabas que roubávamos do quintal do seu nhô Zé, era preciso ser artista para conseguir pular as cercas de taipa sem esfolar as canelas, coitado do seu nhô Zé, que vivia sendo atormentado por crianças peraltas.

Ainda criança, frequentávamos a mesma escola, aquela que, hoje, é bem grande, a famosa escola Chico Pereira, descíamos a ladeira da fábrica São Martinho, espreitando a estupenda fábrica têxtil, era realmente de encher os olhos. Ao entardecer, os lampiões de querosene exalavam um bafo único. Se eu fechar os meus olhos, consigo sentir arder as minhas narinas.

Porém, o destino separou-me de meu grande amigo, já que ele com sua mãe e seus irmãos mudaram-se para a capital, e eu, filho mais velho de quatro irmãos, abandonei o estudo e fui para a lida na roça de feijão para ajudar meu pai.

Sinto-me orgulhoso em saber que o meu grande amigo de infância se tornou um escritor contemplado. A vida nos separou ainda meninos. Paulo, agraciado pelas letras e pelo estudo, e eu, pelas minhas mãos sujas da terra de nossa Tatuí, seguimos caminhos diferentes, porém, em nossos corações, guardamos recordações de uma época memorável.

Hoje, sensibiliza-me o peso dos anos, das mudanças... Sob minhas mãos trêmulas e enrugadas, recordo desse grande amigo que, tão jovem, lhe foi tirado o ar, porém deixou suas marcas eternizadas em nossas praças, museus, livros... em minha Tatuí.

2º LUGAR - **Gustavo Soares Rosa** - 8º
Colégio Anglo de Tatuí
Diretor(a): Luis Rossi
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Marry Calviño

“Tatuí, Cidade de História, Música e Paixão”

Dois anos atrás, fui para a cidade de Tatuí, conhecida como cidade ternura, a arte da música é o que predomina lá. Desde pequeno, eu e meu irmão Pedro compomos canções, ele toca violão e eu sanfona, nossa paixão é a música. A poesia também faz parte de nossas vidas, gostamos muito das carinhosas poesias de Mário Quintana, mas as nossas prediletas são as de Paulo Setúbal.

Quando chegamos a Tatuí, avistei o monumento de referência ao título de “Capital da Música”, seguimos em direção da histórica fábrica de tecidos São Martinho para conhecê-la de perto, mas os meus principais objetivos eram conhecer o museu Paulo Setúbal e o Conservatório de Tatuí, estava tão ansioso! Depois de visitar a histórica fábrica São Martinho, fomos em direção ao museu Paulo Setúbal, eu estava extremamente nervoso, mas, ao mesmo tempo, feliz.

Após certo tempo, chegamos à Praça Manoel Guedes, onde o museu se localizava, entramos e, logo, o meu irmão Pedro me perguntou:

- Você está ansioso, não está?

- Sim, estou muito! – respondi.

Quando entramos, encontramos uma mulher elegante que ficava na recepção, que nos disse:

- Boa tarde, sejam bem-vindos ao museu Paulo Setúbal, quais são os seus nomes?

Estava tão empolgado que levei um tempo para responder.

- Meu nome é Gustavo, e o do meu irmão é Pedro.

- Certo, vou anotar os seus nomes – disse a mulher me observando como se eu fosse algum estranho.

- Algum problema, senhora? – Disse eu com um tom de dúvida.

- Não, é raro ver adolescentes como você visitando, sozinho, um museu. O que despertou essa vontade em você?

- Quando eu tinha 8 anos, visitei o museu do Ipiranga, em São Paulo, fiquei apaixonado por cada detalhe que contava uma parte da história do nosso país. Desde então, comecei a compor músicas, ler livros que contam sobre a história do meu país, e aprofundar meu conhecimento na maravilhosa história da cidade ternura.

A mulher ficou surpresa, mas, ao mesmo tempo, feliz, então disse:

- Certo, estão liberados, podem entrar!

Naquele momento em que estávamos entrando, fiquei surpreso, pois, todas aquelas poesias que eu somente via nas telas de um computador estavam na minha frente. Entramos no museu e fomos logo para a sala que conta a história de Paulo Setúbal, o homem que sempre nos inspirou, nós vimos cada detalhe de suas roupas e de suas poesias! Depois de várias horas observando cada detalhe, saímos e fomos em direção ao Conservatório. Quando chegamos lá, a mulher da recepção nos reconheceu, pois nosso nome estava reservado, entramos no Teatro Procópio Ferreira e tivemos a oportunidade de assistir à incrível peça teatral daquele dia. Após assistir à peça, saímos do Conservatório com fome, andamos até a praça da Matriz para conhecer os famosos doces caseiros, compramos vários, mas o meu predileto é o de abóbora. Quando a noite chegou, voltei para a minha cidade, Capela do Alto, e fui compor uma música, seu nome é: A paixão pela história.

Tenho muita saudade de Tatuí, de todas as pessoas que me apoiaram, de todas as pessoas que me amaram e de todas as que eu amei. Com certeza, voltarei mais vezes para conhecer mais sobre Tatuí, cidade de história, música e paixão.

3º LUGAR - **Vinicius Della Terra Ramos Rodrigues**
- **Júlia Cóvos Calixto Rodrigues** - 8º
Colégio Anglo de Tatuí
Diretor(a): Luis Rossi
Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Marry Calviño

“Continua a Florescer”

Um dia me perguntaram
Sobre a minha cidade natal
E eu lhes respondi com este pequeno recital.
Ao abrir a janela
Ficava a escutar
A música bela pairar no ar.
Ao passear, sentia um aroma espetacular
Eram os doces caseiros
Do nosso lar.
Ao continuar passeando,
Via a praça da Matriz festejando
E os sinos da Igreja
Ainda tocando.
E agora parei para pensar,
Que saudade do meu lar
Ó saudade que me faz chorar.
Ó saudade que me faz amar
Aquele humilde lugar.
Voltando a refletir
Sobre todas as memórias que vivi
E que nunca esqueci
Lembrei-me de cada lugar que eu olhava
Um poema eu recitava.
Ó dona saudade, que me fez reviver
Todos os caminhos da vida
Que tive que vencer
Que hoje, assim, me fizeram amadurecer.
Assim minha memória me fez ver
Eu, um pequeno menino a crescer,
Naquela bela cidade que continua a florescer

LITERATURA - EJA

1º LUGAR - **Lucimar Cabral do Nascimento** - 9º

Emef “João Florêncio”

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital:

Carmelina Holtz Tavares

“Início e Meio da Minha História em Tatuí”

Em 1994 decidi sair de São Paulo e começar uma nova vida em Tatuí. Pois eu tinha uma conhecida que falava muito bem da cidade.

Na época eu tinha dezoito anos, quando engravidei, porém, meus pais não me aceitaram em casa. Foi pedindo de joelhos que Deus me enviou essa conhecida, que me disse para vir morar em Tatuí.

Pois então, chegou o dia. Peguei umas peças de roupas, pedi passagem na Assistência Social de Carapicuíba e parti com a cara e a coragem (aliás com muito medo).

Embarquei para Tatuí... chegando aqui sem rumo e sem ter conhecimentos e, por azar, perdi o contato da conhecida. Sai pedindo ajuda para uns e para outros, perguntando se tinha abrigo na cidade. Foi quando me passaram o endereço da Casa do Bom Menino. Fui até lá e conversei com a Dona Ditinha (mulher de ouro) que tomava conta do local.

Chorando, expliquei minha situação e ela me compreendeu e me mandou entrar. Conversou comigo e fez propostas, as quais aceitei. Fiquei trabalhando lá em troca de moradia.

Depois de três meses, Dona Ditinha conversou comigo novamente e me ofereceu uma casa no San Rafael, para eu morar, disse que poderia ficar lá até minha filha nascer. Porém, a casa estava sem água e sem luz. Mesmo assim aceitei, fui morar lá e meus vizinhos me acolheram e me ajudavam emprestando água. Assim fui me virando.

Chegada a hora de minha filha nascer, fui muito bem recebida na maternidade. Depois de quatro meses, novamente fui atrás de ajuda, agora na Câmara Municipal. Precisava de vaga na creche para minha filha, pois eu tinha que trabalhar. Um vereador, com o apelido de Betico, não só arrumou a vaga na creche como também conseguiu um emprego, pra mim, na Chigueno.

Graças a Deus fui me virando e com o pouco que ganhava sustentava minha filha e comecei a conquistar minhas coisas.

Como a vida não estava fácil, novamente estava eu em busca de oportunidades melhores. Fui ao Fórum da Cidade atrás de faxina, pois pagava um pouco melhor. Assim eu consegui alugar a minha casa e conquistar meus objetivos.

Hoje, não troco Tatuí por nada. Para mim, foi uma prova de conquista ter conhecido a Cidade de Tatuí. Tenho orgulho de morar aqui, sempre fui bem tratada por todos, vizinhos, amigos e todos que procurei pedindo ajuda, inclusive o Juiz do Fórum.

A Prefeitura de Tatuí sempre ajuda a quem procura, basta correr atrás.

Aqui é uma cidade onde criamos nossos filhos da melhor forma. Pois, temos várias opções de Educação, incluindo os Projetos onde as crianças podem ficar o dia todo aprendendo coisas interessantes.

Além de tudo isso temos a cultura e o lazer que são pontos muito fortes da cidade: temos a Festa do Doce, a festa do Asilo, a praça da Matriz com seus musicais para toda família, onde podemos participar sem medo. Aliás fiz muitos “bicos” trabalhando como segurança, na festa do Asilo, Festa do Doce, Carnaval. É muito bom trabalhar e ser respeitada.

Hoje, orgulhosamente estou dando continuidade aos meus estudos, pois não tive oportunidade enquanto jovem. Tatuí, através da EJA, oferece oportunidade aos que não as tiveram em idade regular.

Até aqui tenho muito a agradecer a todos que me ajudaram a chegar onde estou. Devo obrigações para muitas pessoas que me acolheram.

Graças a Tatuí, tenho sete cursos de Vigilante, Monitoramento e Portaria, e quatro da B.R. Petrobrás. Fui também frentista de caixa.

No momento pretendo continuar meus estudos e conquistar outros objetivos.

Tatuí, Cidade Ternura, Capital da Música, Cidade de gente bondosa e acolhedora. Tenho orgulho de dizer à minha família que estou muito bem aqui. Talvez se não tivesse me arriscado, não teria conquistado tudo que consegui até hoje

Em seu livro, Confiteor, Paulo Setúbal relata sua infância humilde e sofrida vivida nesta cidade e sua luta por uma vida melhor, a qual obteve sucesso.

Sua história é inspiradora e incentiva a todos a buscar um futuro melhor, a nunca desistir dos seus sonhos.

Em seus escritos, Paulo Setúbal, fala que guarda no coração a recordação amorável desta boa terra natal. Eu digo também que tenho e terei sempre boas recordações desta cidade que me acolheu com ternura.

2º LUGAR - **Kaiane dos Santos Pereira** - 7º

Emef “João Florêncio”

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital:

Carmelina Holtz Tavares

“Bem-Vindo a Tatuí”

Nasci em Teofilândia, no Estado da Bahia, tenho 17 anos e, cheguei em Tatuí no dia 14 de dezembro de 2018, numa terça-feira às 4 horas da manhã. Foram 3 dias de viagem.

Muito cansada, pensava que não seria feliz nesta cidade. Mas eu estava enganada. Quando coloquei a ponta dos pés em Tatuí, senti uma conexão tão forte, que tudo que eu imaginava começou a dar certo em minha vida e na dos meus pais. Nós vivemos muitas maravilhas nesta cidade e continuarmos vivendo.

No entanto, o que mais marcou minha vida foi aqui em Tatuí, foi quando entrei pela primeira vez no Conservatório Dramático e Musical. Um lugar que traz bons sentimentos, boa energia. Tenho um sonho de ser cantora e sempre me perguntava: “será que um dia vou conseguir realizar esse sonho?”

Quando descobri que Tatuí é a Capital da Música, não pensei duas vezes, bati o pé no chão, coloquei a mão no peito e disse: “aqui é meu lugar, estou na cidade certa, nesta cidade vou realizar meu sonho: ser cantora”.

Vim da Bahia, sou baiana, mas para ser sincera, apesar do pouco tempo aqui, já me sinto tatuiana.

Outro fato marcante para minha vida foram os nascimentos das minhas filhas, a primeira em 14 de abril de 2021 e a segunda em 21 de fevereiro de 2023. Minhas filhas tatuianas.

Tatuí, em tão pouco tempo, mudou muito minha vida, então sempre será minha cidade favorita. Minhas filhas nasceram aqui, portanto vou ensiná-las a fazer desta cidade o melhor lugar do mundo.

Ainda não realizei meu sonho de estudar no Conservatório, eu disse ainda, pois tenho muita fé em Deus que vou realizar meu sonho de ser cantora e dizer pra todo mundo que consegui vencer a batalha.

Outra coisa que jamais esquecerei, é que um tempo atrás alguém me disse: “Sempre existirão pessoas que vão te olhar com brilho nos olhos te achando e pessoa mais incrível do mundo, por ser justamente quem você é”. São pessoas do bem que encontrei nesta cidade, que me fazem acreditar e seguir meus sonhos.

Que Deus abençoe a cidade de Tatuí, uma terra simpática e acolhedora. Por isso chamada de Cidade Ternura. Passei por muitas dificuldades na vida antes de morar nesta terra abençoada, fui muito humilhada e infelizmente por muitos que se diziam meus amigos.

Em minha cidade eu ia todos os dias a pé para a escola. Aqui em Tatuí posso entrar no ônibus, com segurança e sendo bem tratada pelos colegas, amigos, e pelos professores.

Estou confiante de que em Tatuí vou conseguir conquistar e realizar muitos sonhos, que seriam muito difíceis em minha cidade.

“Tatuí... Guardarei sempre no coração a recordação amorável desta boa terra que conheci. De baiana, agora e sempre serei tatuiana.

3º LUGAR - **Patrícia Diniz** - 9º

Emef “João Florêncio”

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital:

Carmelina Holtz Tavares

“A História da Família Paulo e Diniz”

Terezinha com seus 15 anos saiu com seus pais Sr. João Paulo e Sra. Maria José, da cidade de Santana de Itararé. Sr. João Paulo, pai de Terezinha era caminhoneiro, e sua esposa Sra. Maria José era dona de casa.

Aqui na cidade de Tatuí, já morava seu irmão João, que era o mais velho dos três irmãos que Terezinha tinha. João era casado e tinha filhos, trabalhava na Casa dos Presentes. Bastião, seu irmão do meio, foi para a cidade de Sorocaba e formou sua família lá. Já o caçula dos homens, Osvaldo, preferiu viver a vida junto de seus pais e não se casou.

Terezinha, que logo seria a minha mãe, conheceu Rui e eles começaram a namorar. Minha mãe trabalhava na casa do Sr. Quinzinho e a Sra. Merina, e ali ficou por alguns anos. A casa de seus patrões era ao lado do Alvorada Clube, que hoje é um estacionamento. Logo, Terezinha precisou sair do seu trabalho porque iria se casar.

Rui, filho do Sr. Benedito e Sra. Porfíria moravam em um sítio, próximo ao bairro Tanquinho. Tinham como renda, a venda de verduras e legumes na feira livre da cidade de Tatuí.

Meu pai e minha mãe colhiam peras o ano todo. Saíam logo cedo para trabalhar e deixavam seus filhos na escola. Às vezes precisávamos ficar no sítio para dormir porque meus pais tinham que sair logo cedo para entregar suas mercadorias.

Durante a noite tomávamos banho de bacia, pois naquela época não tinha energia no sítio. Minha avó Porfíria usava lamparina e querosene e falávamos que tínhamos que dormir, porque logo a lamparina se apagava. Nós ficávamos ouvindo meus tios contar as histórias como, mula sem cabeça, saci que vinha trançar a crina dos cavalos e nós tínhamos muito medo.

Nos finais de semana, todos nós íamos para o sítio e dormíamos lá. Eu adorava ir dormir na casa da minha tia Ana, uma das irmãs de meu pai. Saíamos

da casa da minha avó e era só caminhar um pouquinho na estrada de terra, que já estávamos lá, era uma casa simples, feito de bambu e barro (conhecida como casa taipa), o chão batido de terra, a simplicidade estava naquela casa.

Durante a noite, ela preparava uma gelatina e colocava dentro da vasilha, amarrava bem e levava próximo ao “ribeirãozinho” que tinha e deixava ali a noite toda, pois naquela época era um luxo ter geladeira.

Quando amanhecia, ela ia buscar a gelatina e parecia que estava na geladeira. O sabor e o cheiro daquela gelatina guardo comigo na lembrança daquela época.

Quando chovia muito, o Rio Tatuí enchia e alagava a passagem e nós não conseguíamos ir para o sítio, às vezes ficávamos dias sem ir. Meu pai falava para minha mãe que não poderíamos ficar sem ir para lá, porque tínhamos que cuidar das verduras e também porque meus avós eram bem velhinhos.

Íamos para o sítio, mas tínhamos que passar em um local que era perigoso para nós. Os donos de cerâmica com suas máquinas, nos ajudavam a atravessar o Rio Tatuí.

No sítio da minha avó, o colchão era de palha e fazíamos muita bagunça. Ao passar do tempo, meu pai conseguiu trazer a energia para poder dar mais conforto a eles. Meus avós ao longo da vida, morreram. Deixando saudades da época, que ficaram guardadas na memória.

Tatuí é um lugar muito bom para se viver. Terezinha, minha mãe teve oito filhos abençoados e cada um segue sua vida na cidade de Tatuí. Terezinha veio a falecer em 2018, lutando contra o câncer no pulmão. Meu pai Rui segue a vida junto da família.

Tatuí, guardo no coração, sempre minha saudade, minha terra natal. Eu Patrícia, filha de Terezinha e Rui, conto um pouco da história da minha família.

LITERATURA

1º LUGAR - **Nathan Veiga e Souza Silva** - 1º B
PEI “Barão do Suruí”
Diretor(a): Adriana Cristina Rainho da Silveira
Professor(a):
Ismael Cleto

“Slam: Mais Mudança e Menos Intolerância”

No capítulo 5 de Confiteor, vejo o retrato fiel do preconceito sem amor.
Uma sociedade que julga e condena
E que não aceita a diversidade que a vida ordena

O preconceito é uma fenda que arde que nem fogo
que mata a alma aos poucos,
Sem piedade ela corrói corpo e mente
Nos leva a chorar na fria madrugada se perguntando
Se é tão ruim assim ser diferente.

Giovanni e Carlo, dois homens apaixonados
Que lutaram por um amor condenado
Eles sofreram na pele o peso da discriminação
E sentiram na alma a dor da exclusão

O preconceito é uma prisão que aprisiona os “pecadores”,
Dizem que é uma escolha, mas quem escolheria passar por tantas dores.
E na verdade o preconceito é tipo uma lavagem cerebral
Ele nos cega e afasta a gente da realidade
Nos coloca em uma trilha longa de dor e infelicidade.

Mas há aqueles que lutam contra esse mal,
Que se erguem contra a intolerância sem igual
Pessoas fortes e corajosas
Que batalham por um mundo mais justo
Sem essas “ideias tortas”.
Diferente desse mundo cruel
Onde um comentário maldoso
Possa ser um caminho sem volta.

Onde possamos ser livres sem ser julgados,
poder amar igual qualquer um sem sermos brutalmente atacados
pelos cristãos que pecam
Que fazem o contrário do que pregam
não amam o próximo com igualdade
E na verdade os condenam.

O capítulo 5 de Confiteor é um alerta
Um chamado à reflexão e à mudança
Para que possamos superar a intolerância
E construir uma sociedade
Com mais amor, união e esperança.

2º LUGAR - **Laura Valdrighi Marinho** - 2º
Colégio Anglo de Tatuí
Diretor(a): Luis Rossi
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Marry Calviño

“Tatuí, Desfaço-me em Terra”

Sento; inalo a fumaça do cachimbo;
deixo-o de lado. Inspiro; expiro; paro de
forma repentina. Isso vem acontecendo
comigo nos últimos tempos, desde
que tenho estado sozinho. Pego-me
refletindo memórias ao longo do céu
amarelo, que, em troca, reflete em mim
seus primeiros raios de sol.

Sem mais filhos, sem mais netos,
e recentemente sem mais a esposa,
sozinho por esta terra de saudade que
provoca o emocional ao cheirar-se o
vento. Deliro sobre uma cadeira de
plástico verde, à sacada do que fora
um mar de jocosidades. Esta é minha
casa, minha vida, minha nostalgia. O
solo que observo são os mesmos em que
meus filhos correram, desbravando a
grama e habituando-se a ela. Rio bobo,
dançando entre nostalgias e o presente.
Minha cidade... nasci aqui, sobre o
mesmo chão em que fui criado, e ao
mesmo que pretendo ser devolvido ao
reencontrar aos que sinto.

Levanto-me com a enxada agarrada
pelos calos que denunciam a atividade.
Caminho entre passos folgados, permiti-
ndo que meus pés nus peguem certa
coloração, enquanto observo as plan-
tações de peito estufado, agradecendo
em fé ao que sou. Descansava a mente
descompactando a terra sob meus pés,
preparando-a para receber novos grãos
de soja, os quais logo estariam colorindo
belas extensões; e assim passavam-se
meus dias, assobiando sobre o vento
músicas de meu pai, que um dia já me
ninaram sobre a mesma brisa suave,
que me abraçava todos os dias, a qual,
desde a minha nascença, evitou minha
a solidão.

Sento-me à beira do tanque, respiro
calmamente enquanto lágrimas lavam
meu rosto já avermelhado pelo barro,
enquanto meus pés grossos divertem-se
ao tocar a água gélida e pouco turva.
Enxugo rápido as maçãs do rosto, solto
um longo suspiro, e, mesmo que com
as mãos ainda trêmulas, abro assim um
livro de poesias e contos de meu amor.
Derramo-me, e deixo-me misturar
às margens de uma terra que sempre
cuidou de mim.

Tatuí, para muitos a cidade do doce,
da ternura, ou até mesmo das mais
belas plantações. Tatuí, para mim, a
terra da saudade.

3º LUGAR - **Ana Lúcia Nogueira Souza Silva** - 3º B
PEI “Chico Pereira”
Diretor(a): Marco Antônio Vieira
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Aparecida Ferreira de Almeida

“Como É Ser Adulta?”

A cada dia que passa eu
estou mais perto de ser
adulta, isso me desperta uma
euforia e ao mesmo tempo
uma incerteza, como é ser
adulta? Eu ainda me sinto
tão parecida com a Anna
criança, com uma rotina,
pensamento e amizades
diferentes, mas ainda sou a
mesma pessoa.

Quem eu sou hoje está
muito ligado com as coisas
que eu gosto, eu cresci com
muita influência artística,
sempre envolvida com mú-
sica, dança, livros e teatro.

Me lembro de ir inúmeras
vezes ao Teatro Procópio
Ferreira com a escola, desde
pequena. Todas as crianças
saíam da fila, muito entu-
siasmadas e deslumbradas.
Me recordo da sensação
de me sentir muitas vezes
empoderada quando sentava
naquelas poltronas, era tudo
tão fascinante e admirável
que eu ia embora como se
tivesse despertado de um
sonho encantador.

Na escola eu sempre parti-
cipava dos concursos de
desenho, passava horas e ho-
ras desenhando e pintando
sempre com todo capricho
para que meu Sol estivesse
sorrindo e feliz.

Desde pequena aos domín-
gos gostava de ir à igreja com
minha família, acordava bem
cedinho para se preparar e
vestir a roupa festiva para
o dia e após isso íamos para
a casa preparar o clássico
almoço de domingo.

Pela tarde meus pais sempre
me levavam no parquinho
na Avenida das Mangueiras,
para se divertir com meus
amiguinhos da escola por lá,
tenho a lembrança de sentir o
tempo parando ao meu redor
enquanto eu brincava.

Quando eu terminei o
Ensino Fundamental 1, fui
estudar na Escola Chico
Pereira que fica próxima ao
Museu Paulo Setúbal, então
os professores sempre leva-
vam a minha turma lá, foram
inúmeras idas ao Museu,
mas eu não enjoei de lá.

Quando eu era mais nova
o meu livro favorito era uma
coletânea de cordel, depois
desse vieram muitos outros
livros, eu me tornei cada dia
mais fascinada por literatu-
ra, quando ouvi a respeito
de alguém que cresceu na
mesma cidade que eu, e fez
parte da Academia Brasileira
de Letras fiquei surpresa,
Paulo Setúbal ainda foi aluno
do professor Chico Pereira
que deu o nome da escola
em que eu estudo.

Eu sempre amei tanto
fazer aniversário que acabei
não me atentando aos dias,
semanas meses e anos se
passando, e de repente fiz
dezessete anos. Eu quase
nunca paro para lembrar da
infância, estou constante-
mente pensando no futuro,
sonhando longe almejando
realizar o meu projeto de
vida.

Eu não nasci em Tatuí, mas
moro aqui desde os três anos,
tenho memórias em cada
canto da cidade, cresci aqui
e Tatuí cresceu em mim.

Ao mesmo tempo que eu
não vejo a hora de ir embo-
ra e conhecer o mundo, eu
sinto um certo incômodo em
estar saindo da minha zona
de conforto. Eu estou cada
vez mais perto de ir para a
faculdade, e parte de mim
está exultante por viver o
meu sonho, e a outra parte
se acanha por se deparar com
o desconhecido.

Acho que talvez crescer seja
isso, ir mesmo com medo,
se jogar. Como diz o cantor
Emicida “Você é o único
representante do seu sonho
aqui na terra”.

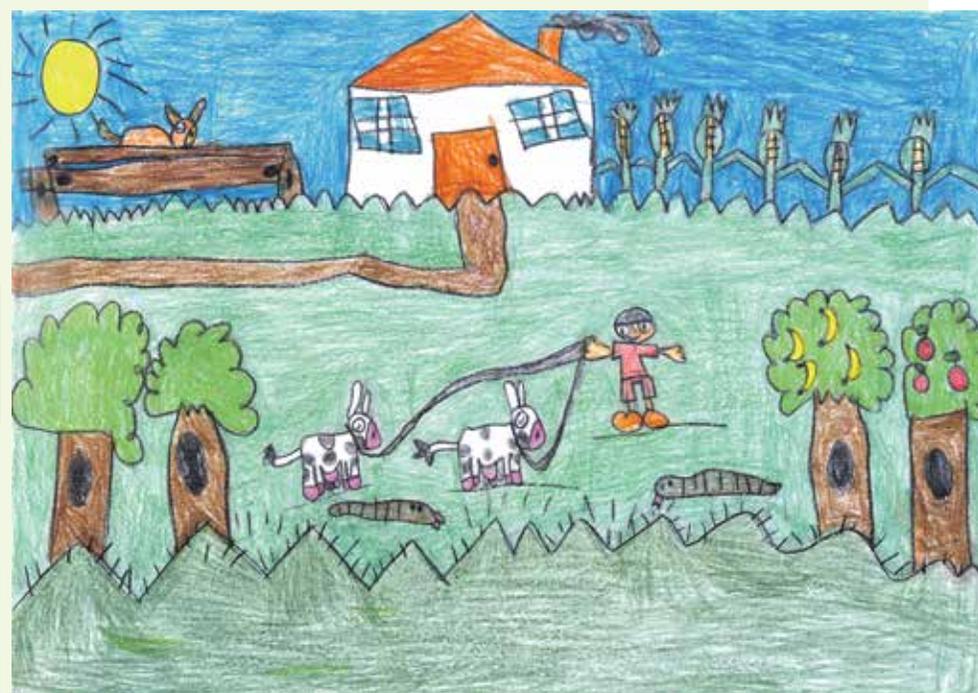
O tempo passou tão rápido,
e repentinamente eu já estou
na idade de tomar decisões,
eu sempre fui muito indeci-
sa, sou o terror de qualquer
atendente de loja, é até en-
graçado. Essa é a primeira vez
que eu sei exatamente o que
eu quero, e eu vou me ouvir.

Eu amo Tatuí, mas até
Paulo Setúbal precisou ir
embora.

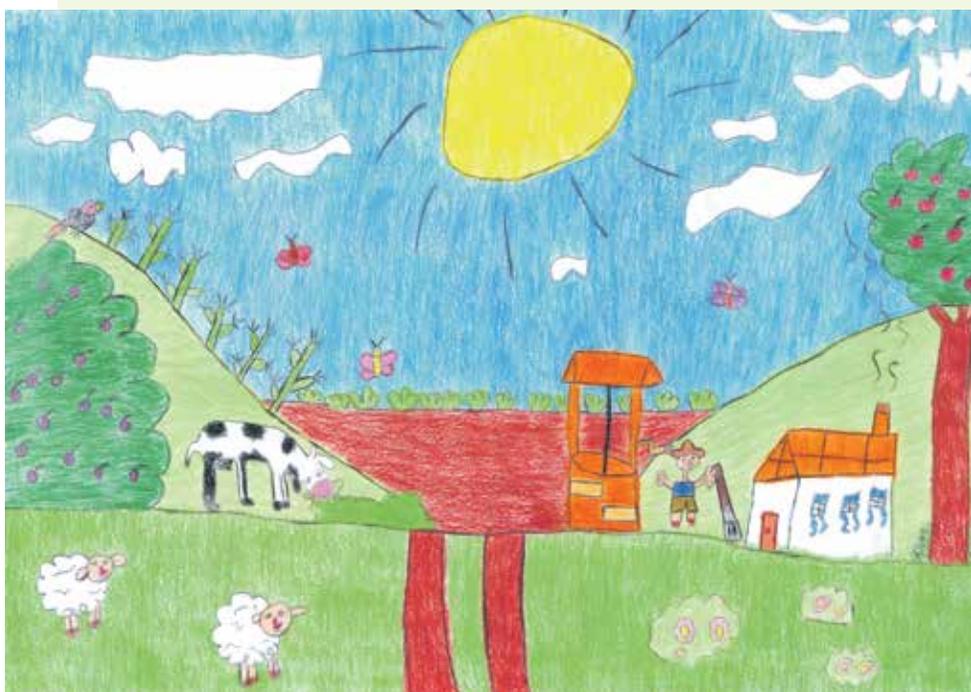
ARTES VISUAIS - 1º E 2º ANO



1º LUGAR - **Alice Coelho Teodoro Aires** - 1º B
Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"
Diretor(a): Maria Aparecida Almeida
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Elis Regina Prestes Barbosa



2º LUGAR - **Kauan Myguel Machado Pedro** - 2º B
Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"
Diretor(a): Maria Aparecida Almeida
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Ione Takenouchi Bieco



3º LUGAR - **Manuella Proença Couto** - 2º C
Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"
Diretor(a): Maria Aparecida Almeida
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Ione Takenouchi Bieco

MENÇÃO
HONROSA

Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"

Yasmin Kazumi Capinetti Noda - 2º D

Miguel da Silva Marques - 1º C

Maria Clara Machado de Campos - 1º C

Emef "Profª. Lígia Vieira de Camargo Del Fiol"

Tabata Caetano André - 1º E

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo"

Fabiano Paulo Karling Filho - 1º C

Lorena Rodrigues Avelar - 1º C

Miquéias dos Anjos Santos Soares - 2º A

Maria Júlia Lobo de Souza - 1º A

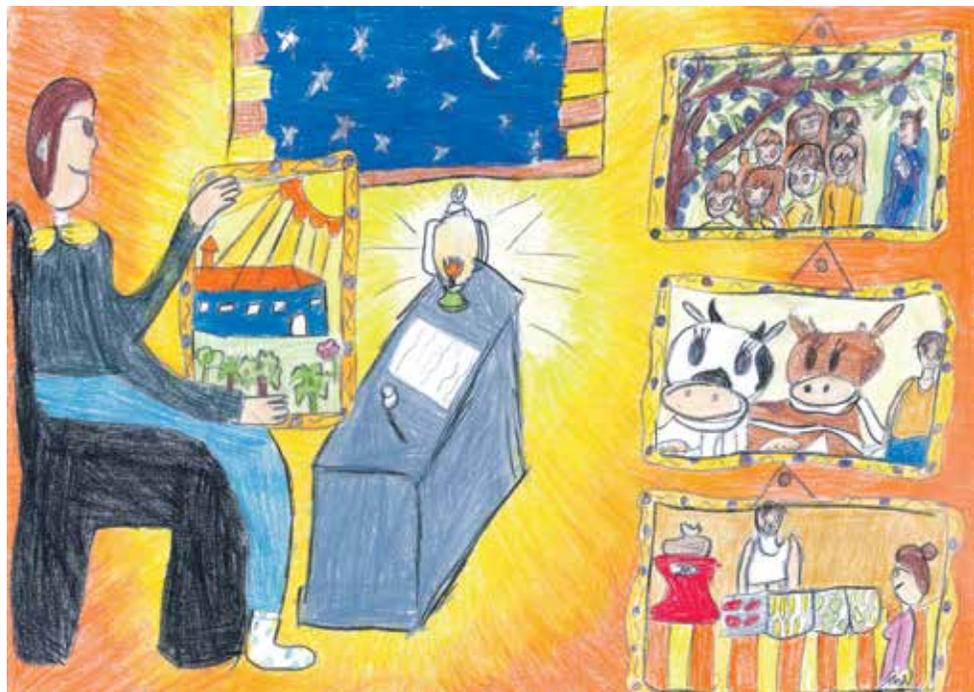
Emef "Profª. Sarah de Campos Vieira dos Santos"

Isabela Furtado Soares - 2º B

Emef "Profª. Teresinha Vieira de Camargo Barros"

Mateus Oliveira Gomes - 2º B

ARTES VISUAIS - 3º, 4º E 5º ANO



1º LUGAR - **Clara Lis Prestes de Paula** - 3ºA
Emef "Prof. Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretor(a): Elenice da Mota Couto
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Marisa Aparecida de Oliveira Fernandes

2º LUGAR: **Manuella Bastos Cardoso** - 4º B
Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"
Diretor(a): Maria Aparecida Almeida
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Elis Regina Prestes Barbosa



3º LUGAR - **Sofia dos Santos Dias** - 4º A
Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"
Diretor(a): Maria Aparecida Almeida
Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
Elis Regina Prestes Barbosa

MENÇÃO
HONROSA

Emef "Prof. Eugênio Santos"

Guilherme da Silva Ferreira - 4º E
Maria Gabriela Hessel Silveira - 4º B
Maria Clara de Moraes Vieira - 4º B

Emef "Prof. Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Gustavo Silva - 5º D

Emef "Profª. Lígia Vieira de Camargo Del Fiol"

Vinicius Pereira Cunha - 5º A

Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo"

Isabelly Vitória Alves Negreiros - 5º A
Debora Gusmão Palermo - 5º A
Sara Esquitini Gonçalves - 4º B

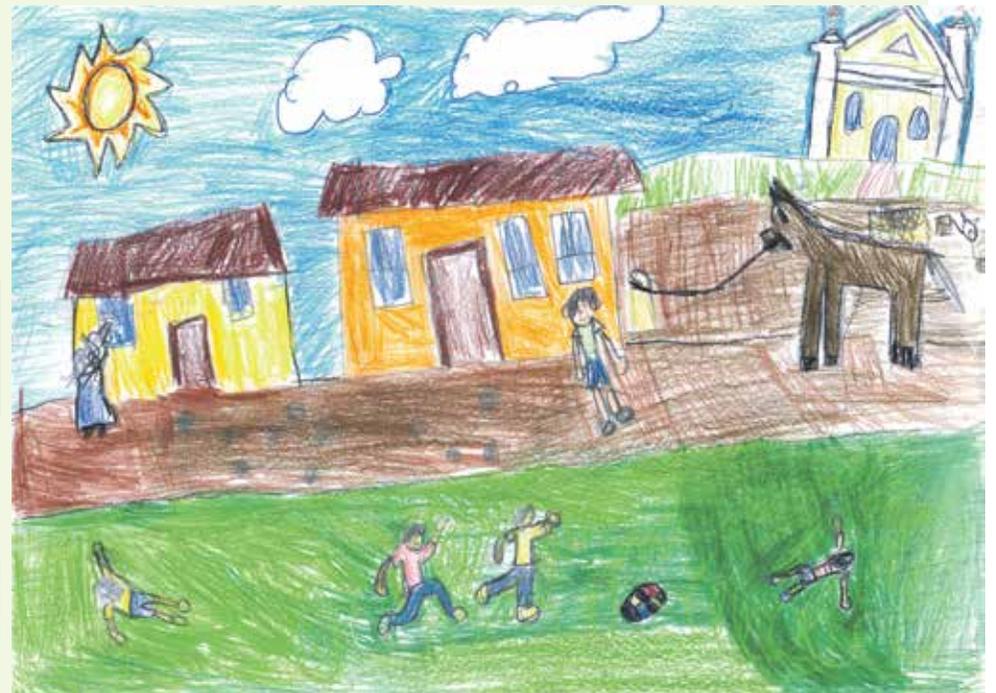
Emef "Profª. Teresinha Vieira de Camargo" Barros

Ana Isabelly Brito Garbin - 5º E
Alice Batista Moura - 4º C

EDUCAÇÃO ESPECIAL



1º LUGAR - **Lucas Alexandre Ferreira de Almeida** - 4º C
 Emef "Profª. Maria Eli da Silva Camargo"
 Diretor(a): Maria Aparecida Almeida
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
 Ione Takenouchi Bieco



2º LUGAR - **Nicolas Ezequiel Gonçalves Pereira** - 5º D
 Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo"
 Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
 Adriana Corrêa Camargo



3º LUGAR - **Enzo Gabriel da Silva Couto** - 4º E
 Emef "Profª. Magaly Azambuja de Toledo"
 Diretor(a): Fernanda Cristina Peixoto Carpinetti
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital:
 Nanci Soares de Barros Tavares

MENÇÃO
HONROSA

Emef "Prof. Eugênio Santos"
Samuel Pereira Ramalho - 3º D

Emef "Prof. Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Lucas Elias da Silva Filho - 1º B

Emef "Prof. José Galvão Sobrinho"
Marcos Vinicius Gomes de Azevedo - 5º C

Emef "Prof. José Tomás Borges"
Pierre Vieira de Souza - 5º A
Saron Teles Vaz de Moraes - 5º A

Emef "Profª Magaly Azambuja de Toledo"
Abyner Sérgio Miranda Bastos - 5º D
Heloisa Araújo Serafim - 5º D

Emef "Profª. Teresinha Vieira de Camargo Barros"
Miguel Francisco Garcia dos Santos - 2º C
Camila Fernandes Barbosa - 2º C
Henrique Rodrigues Aguiar da Hora - 2º D

HOMENAGEM



**LEILA SALUM
MENEZES DA SILVA
'DONA LEILA'**

“Dona Leila” nasceu em Tatuí em 31 de agosto de 1932. cursou o primário no Ginásio “Eugênio Santos”, o secundário e o colegial, no “Barão de Suruí”. Era formada pela PUC de São Paulo, licenciada em história e geografia,

Em 1954, a convite do professor Celso Vieira de Camargo, então diretor da escola “Barão de Suruí”, ministrou aulas de latim, francês e português. Teve entre seus alunos de quinta série o atual ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) José Celso de Mello Filho.

Efetivou-se em 1967, como professora de língua portuguesa, na cidade de Cerquilha; em 1969, transferiu-se para o “Barão de Suruí”, onde aposentou-se formalmente em 1980, mas seguiu lecionando até 1987, quando encerrou de fato a carreira na Educação.

Vencedora de vários concursos literários e profunda conhecedora da obra de Paulo Setúbal, Leila foi contemplada em segundo lugar no Prêmio Literário Paulo Setúbal, em 1969 e 1971. E conquistou o primeiro lugar nos anos de 1970, 1972, 1973, 1974 e 1975.

Em 1980, depois de aposentada como professora, cursou direito na Fundação Karnig Bazarian (FKB), em Itapetininga. E por 16 anos exerceu a advocacia estimulada por colegas de profissão e antigos alunos, como os advogados José Rubens do Amaral Lincoln, Ivo

Mendes e Jacira Provasi.

De 1984 a 1986, foi orientadora pedagógica da Casa de Cultura “Paulo Setúbal” e frequentou curso no Museu da Casa Brasileira, de São Paulo. Também teve aulas de folclore em Maceió, oferecidas pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Alagoas.

Do museu “Emílio Goeldi”, de Belém, e do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) em Manaus, trouxe material para enriquecer o acervo do museu de Tatuí. Trabalhou no levantamento das fontes históricas para a história do município.

A Semana Paulo Setúbal sempre contou com seu entusiasmo em salvaguardar a memória do escritor tatuiano e de possibilitar que sua literatura sempre fosse apreciada por seus alunos, amigos e familiares.

Em 1993, por conta das comemorações do centenário de nascimento de Paulo Setúbal, Dona Leila lançou o livro “Biografia de Paulo Setúbal – Sua Vida, Seus Motivos, Sua Técnica”.

Em 2010, prestou homenagem ao escritor tatuiano e ao seresteiro e ex-prefeito Paulo Ribeiro, no espetáculo “O Poeta e o Seresteiro”, dirigido por Rogério Vianna, no Teatro “Procópio Ferreira”, do Conservatório de Tatuí.

Faleceu no dia 9 de setembro de 2022.

MODALIDADE CONTO

**1º LUGAR - Rosiane Gonçalves de Oliveira - Cidade Ocidental / Goiás (GO)
OBRA: “ACÉFALOS”**

A mesma família caminha junta. Almas solitárias e tristes que vagam sem encontrar suas casas, sem encontrar suas vidas. Gritam por suas almas desencarnadas, procuram por suas partes mortas e agregam outras almas nas mesmas condições. Entram em desespero por não se acharem e adoram perseguir os vivos.

- Nossa lucidez ainda não chegou. Talvez chegue amanhã, ou em um domingo de futebol, ou quando cortarem nossas cabeças; ou nunca chegue.

- Continuemos a agir na nossa loucura, então.

Se recolhem nas ruínas das casas desocupadas. Tão frágeis e inseguras como os quatro ventos instáveis. Igualmente, bombásticos como os quatro cavaleiros do apocalipse. “Cacem e capturem os anjos que querem ser libertos de nós. Depois vomitaremos seu sangue e façamos com que se esqueçam deles.” Diziam quatro bocas de cabeças ocas. Aos que os ouvem, tais palavras causam divisão, noites sem dormir e dias de mensagens obscuras, espalhadas em propagandas infrutíferas; mensagens que exploram o delírio paranoico coletivo.

- Nossas visões nos diziam que ele seria o mito santo.

- Não. Agora é outro. O mascote da porcaria.

- Protegemos o fulaninho ou o ensinamos a matar?

- As duas coisas.

- Que matem alguém para morrer em nosso lugar. Se matarmos, não morremos porque viveremos no mais alto lugar do paraíso dos planos materiais. Que se dane o plano espiritual; algum dia, estaremos lá gozando de nossos crimes.

- Não vamos para o inferno?

- E quem não tem medo do sofrimento que só se materializa na imaginação. Inferno existe para os inocentes que são mortos pela gente.

- Poderemos ser presos.

- Nos soltarão logo, pois, não há nada em nossas cabeças. Nem culpa ou remorso. Não somos seres que sentem. Em nossas mentes residem somente nossos discursos de ódio e preconceito disfarçados de amor. Quem não se engana com lindas promessas que escondem nosso lixo mental em decomposição.

- Mas, não são eles os culpados? Os pais deles? Seus ancestrais? Não somos culpados. Não seremos condenados. Marcharemos

rumo à vitória que nunca chega. A vitória suja com sangue alheio. Uma vitória marcada com nosso próprio sangue para o futuro. Para o nosso futuro tão cego e confuso quanto nossas esperanças.

- Eis que chega nosso medo. Chega o nosso desespero. Que usemos nossas armas.

- Que armas? Onde estão nossas armas?

- Estão nas casas em que espalhamos nossas angústias, nossas feridas pútridas, nosso desamparo, nossos restos mortais, nossos delírios mentais e nossas paranoias espirituais.

- Quem culparemos depois?

- Os nossos demônios que nos projetam e nós os projetamos nos outros, na louca, na bruxa e nos pobres coitados que nos escutam ou nos ricos que nos batem porque gostamos de apanhar deles.

- E quem iremos vender para pagar pelos nossos pecados?

- Nossas crianças. Vamos pechinchar com as almas delas. Assim, garantiremos que se acontecer qualquer coisa, se qualquer coisa der errado, as almas delas irão em nosso lugar. Nosso futuro...

- Teremos algum? Desde quando? Só temos presente e passado. Resgatamos o resto do passado, esse resto de lixo que sobra dos nossos pratos e transferimos para este presente que nos foi agraciado com as mediocridades das ideias e dos ideais de poderosos antigos com seus discursos mumificados.

- Matem agora a verdade. E envolvamos em mistério as mentiras que plantamos...

- Não mudaremos. Do que temos medo?

- De sermos rejeitados, descobertos por nossos crimes. Medo das nossas falsas esperanças e da boa memória de quem nos observa para nos ver cair com a boca na lama. Medo por nossas bocas que só sabem soltar palavras feais.

- Oremos mais forte. Expulsemos os demônios alheios e preservemos os nossos. Porque somos os demônios inúteis disfarçados de anjos do Olimpo.

- Chegaram as bençãos para nós, depois de tantas voltas em círculos?

- Não, só nos vêm maldições. A quem culparemos desta vez?

- Culpemos os intelectuais, os estudantes, os inocentes. Culpemos a liberdade dos loucos, os sonhos dos problemáticos. Culpemos as ideias comunistas, marxistas.

A humanidade que não temos. Culpemos a esperança, nosso Deus voltará.

- Que Deus? Qual deles?

- A riqueza. Nossos mitos predestinados. Somos o chorume dos ricos que gastam nossas vidas com seus luxos e prazeres. Brindemos em nossos copos de plástico cheios de água poluída suas conquistas às custas dos nossos estômagos e cérebros vazios.

A criança grita, esperneia entre paredes lamuriosas de casas herméticas, em confusas visões que fazem alarde de desejos desconexos com a realidade. Essa angústia que atravessa reencarnações, a insanidade grita através de paredes mofadas, bocas que não se cansam em discursar problemas ao invés de criarem o diálogo e soluções criativas. As almas doentes jazem e transpiram o cheiro de túmulos antigos tornando-se sepulcros vazios e desolados. Pedem a volta de um passado sujo com seu mais recente governante que, caquético, se articula entre os débeis para ressurgir das covas boçais. Pedem armas para pacificarem o absurdo de uma paranoia coletiva. A pátria criança já não é mais inocente. Mais rituais de uma fé forçada.

- Matem as feias, gordas, tristes e solitárias. Preservem as magras e raquíticas de raciocínio. Preservem as damas gananciosas que tiram a esperança da boca de outras mulheres.

- Ah, mas sou uma mulher de luvor; tiro o que é de outra porque ela merece. Questão de justiça. Justiça minha, no caso, porque egoísmo é parte da minha essência. Tenho a personalidade forte.

- Forte é o esperto e desonesto. Somos uma minoria poderosa no mundo porque somos meritocráticos, abençoados e indispensáveis.

- Vendi meu trabalho em troca de poder. Plantei pesadelos e colhi os abrolhos do chão. Nem sorte, nem azar. Me encontro no limbo da vida. Estou com sessenta, mas talvez não passo disso porque talvez não tenha mais terra para se plantar e comer daqui a dez anos. Irei para a prisão da cova por causa da minha prepotência. Quis ser muito; quis ser rico. Um mendigo tem mais dignidade do que eu depois das voltas que o mundo dá. Estarei sempre insatisfeito com a próxima boneca inflável de coxas grossas, com suas joias, notas falsas de estrelas mortas e com as delícias que mesmo sendo

MODALIDADE CONTO

2º LUGAR - Carine Valéria Mendes dos Santos – Maceió / Alagoas (AL)

Obra: "TERRADENTRO"

Do lado de fora a tempestade trepidava as paredes frágeis do meu barraco, rugindo lamentos torrenciais e encharcando o chão sob os nossos pés. Aprendi com o tempo que a rua era o melhor lugar para sobreviver nessas ocasiões, escondia a trouxa com o que importava em um lugar alto e sabia que no dia seguinte tudo ruiria. A minha vida era assim, de barraco em barraco, favela em favela, morro em morro, minha casa era o chão a abrigar meus passos, meu corpo, meu desespero.

Coloquei a capa de chuva e saí com os ossos frios a vagar nesses aguaceiros de nunca acabar, o meu juízo acompanhava a neblina de fora, andava sem saber para onde, observando hipnotizada os riscos das tragédias iminentes. E naquele dia eu acordei sentindo aquela certeza de morte próxima, era madrugada alta e daqui a pouco precisaria pegar a condução para fazer faxina na casa da Dona Viviane, com certeza não iria aparecer, mas a patroa, que nunca acordou

com os pés enlameados, não entendia a urgência de quem precisa continuar respirando.

Quando os trovões começaram a gritar arrogâncias eu senti na espinha que era a hora. O céu se abriu num clarão e o relâmpago tocou o chão, fazendo desabar os barracos dos barrancos na vida ribanceira. Eu olhava de longe e paralisada, enquanto os gritos humanos invadiam o ar suplicando Deus. Esse aguardava de cima, esperando as almas se desprenderem da terra. E a chuva se misturava, criando uma força de lama, imparável e bruta. Era chuva de terra, só terra, soterrando os gritos abafados dos sem chance.

Esperei neblinada, olhando o morro silencioso em silêncio, aquele túmulo vivo ia se firmando numa escultura grotesca, levantei as mãos para cima pedindo o estio e de olhos abertos também derramava minhas águas de dentro para ver se secando a dor a chuva parava. Por algum tempo era só eu por ali. O sol ia rompendo

a cortina cinzenta e se impondo rei. Outros começaram a chegar, também como eu, segurando o fôlego para salvar os restos de suspiros ausentes. Formamos corrente, braços e braços e pás, o caminho era feito de um só fundo. Subimos.

Eu segurava a pá como parte do meu corpo e cavava a lama amolecida e movediça. Olhava para todo lado, enquanto uns deslizavam ladeira abaixo. A pá furava o chão abrindo buraco em buscas. A terra que saía ia entrando por todas as brechas me apertando goela abaixo. Meu coração em lama batia pelas veias infiltradas nas passagens de ar, sonhando esperanças. Bati em uma peça de madeira-cama, agarrando com as mãos os entulhos sobre os sonos perdidos. Achei pés, corpo e no rosto entupido de morte um homem inerte agarrado ao último fragmento de calor-mulher também esculpida em barro. Chovi.

O tempo escoava pelos dedos e as pás continuavam incessantes. A alguns metros dois anjos tentavam contrariar as ordens

celestiais rezando ressuscitações, o menino esquelético e derramado cuspiu, recusando-se teimoso a ir, abriu os olhos renascido, parido da mãe-terra ganhou vida e foi carregado para longe dali. Pela cabeça nenhum pensamento, só urgência e uma angústia que subia as tormentas por dentro. Vencido, o sol tentava a todo custo deixar as janelas abertas, mas por entre os olhares afundados de tristeza desceu chuvisco, que virou cachoeira, que virou inundação. Contra as forças da água-barro-lama em nós, cavávamos o impossível, máquina braçal delirante.

Os braços tesos, tensos, trêmulos seguravam a pá buscando equilíbrio. Os anjos debandaram com medo da ira divina, sobramos cinco, fincados com os pés na terra, resistindo a cair. E num momento de exaustão em que o suor de chuva ensopava a pele, lembrei de Lúcia e Sabrina, um raio desviado furou o alto do morro, proferindo ameaças intimidantes e encontrando meus olhos vítreos partidos

ao meio tempestivamente. Prendi-me em uma única certeza, a insolência afrontosa de não ter nada a perder. Sabrina, miúda, despossuída e sem vida se fez clarão na minha neblina.

Cava, cava, cova, cava, cova, cava. Chovi. Fazia cinco anos que eu procurava por elas. Cavando buracos intangíveis na esperança de voltar no tempo. Cinco anos de lama, terradentro, ainda lembrava em fragmentos de correr para o berço, pegar Sabrina e escondê-la com o próprio corpo, fazendo corpo-barreira contra a destruição. Sabrina chorava assustada, a cabecinha de bebê cheirando a talco e o estrondo que findou. Cavava sem descanso o fundo da cova em mim.

Lúcia parou de cavar, apoiada em sua pá, sentiu-se esvaindo. Não sobrou ninguém, nem mesmo ela. Fechou os olhos e desapareceu.

...

Do lado de fora a tempestade trepidava as paredes frágeis do meu barraco, levantei-me novamente, era a hora de cavar.

3º LUGAR - Márcio Fernandes Maurício – Brasília / Distrito Federal (DF)

Obra: "MISS DÓLAR 2019"

Uma singela homenagem ao grande mestre Machado de Assis

I

Todo mundo sabe que esse é o nome de uma cachorrinha. Mas, era conveniente à história – originada em genial mente e conservada em barris de carvalho – que ninguém soubesse, de imediato, quem era Miss Dólar. E aí, meu amigo centenário (o dono da mente brilhante) seria talvez obrigado a criar novos rodeios. E floreios já desnecessários. Então, isso deixa cá, comigo – nascido e calejado nas artimanhas desta contemporaneidade liquefeita – eu (eu mesmo) apresentarei, sem mais delongas. Nem spoilers. A “nossa” Miss Dólar.

Acontece que a história já foi lida e relida ao infinito. E, agora, que as humanidades já não são as mesmas – tão ágeis, frágeis, maleáveis – coube a mim reabrir esse tonel e, ao saborear tão nobre cálix, escrever um novo testamento. Digo cálix porque não foi sem paixão que consegui acomodá-la neste presente século. É testamento, porque simplesmente tem a validade da morte.

Dito isso, vamos aos fatos. Digamos que, ao me deparar com uma postagem numa determinada rede social, interessei-me pelos comentários. É que,

do modo como o anúncio foi escrito, despertou curiosidades. E julgamentos. Aos milhares. E que comecem as paráfrases!

Os hiperconectados da Geração Z identificaram Miss Dólar como uma modelo inglesa. E a fugaz imaginação correu solta. Uma modelo inglesa, sim, defenderam. Daquelas esguias, que comem duas folhas de alface ao dia. Com chá. E, justamente por não lhe acudir às urgências do estômago, sustenta um ar de gelido desdém ao resto da humanidade. No rostinho fino e rosado, calçaram-lhe duas bolinhas de gudes azuis. Ideal como uma criação de Shakespeare. E imprimiram-lhe uma cara de pum de periquito. Perfeita para o humor com que ainda se alimenta a liberdade do Reino Unido. A sua fala deve ser angelical. O seu amor, um desmaio. A sua vida, uma contemplação. E a sua morte, um suspiro. E basta de romantismo!

A figura é poética; a roupagem, nova. Mas, como sabem, não é a heroína da história. Consideremos o perfil de alguém mais vivido. E otimista. Nesse caso, fantasia uma Miss Dólar mais descolada, totalmente diferente da outra. Desta vez, será uma californiana abastada. Perfeitinha. Nunca chegará a

compreender os sinais da poesia concreta. E acabará conformada à doutrina contemporânea: abençoada e fútil.

Não foi assim para um internauta nascido antes da internet: experiente, solitário e falido. Aí, a Miss Dólar que mereceria ser contada aqui, seria a de uma herdeira canadense em busca de aventuras. Uns cinquenta anos. Ao chegar ao Brasil, viveria um romance, casando com o romântico (e iludido) leitor. Coitado, esse foi o mais trolado.

Mais esperta, acode uma nerd de carteirinha: a heroína não é nem nunca deveria ser gringa. Mas, brasileira. E carioca da gema. O nome de Miss Dólar queria dizer simplesmente que a moça era uma promissora funkeira ou dessas youtubers que fazem grana rápida na internet. Ou até daquelas socialites emergentes (e antiquadas) da Barra.

A criatividade: excelente! Se fosse exata. Infelizmente, nem essa nem as outras são exatas aqui para a nossa história – inventada e reinventada. Miss Dólar não é a menina romântica, nem a norte-americana arrojada, nem uma herdeira a ser conquistada. Tampouco influenciadora digital, ostentadora kitsch ou qualquer outra subcelebridade. Desprezarei os demais comentários e as provocações. E continuarei daqui:

Miss Dólar é uma lulu da Pomerânia branca.

Essa condição da heroína ainda faz alguns leitores torcerem o nariz. Erro total. Miss Dólar, além de seu pedigree imaculado, possui grande valor sentimental. Teve as honras de ver seu nome e foto estampados pela Lagoa e entre os Postos nove e doze da praia. E, nas redes sociais, onde a encontrei:

PROCURA-SE

Miss Dólar desapareceu ontem, 31/03, nas imediações do Jardim de Alah. Contato: 02198423... Recompensa: R\$ 2.000,00. Ela carrega uma gargantilha em que se lê: With all my heart.

Quem sentia necessidade urgente de dois mil reais, e teve a felicidade de ler esse anúncio, andou com extremo cuidado nas ruas da zona sul, a ver se encontravam a fugitiva Miss Dólar. Contudo, toda essa caçada dos dois mil reais era completamente inútil: Miss Dólar já estava bem instalada na casa de um morador do Recreio, que fazia coleção de cães.

II

Ninguém sabia as razões que levavam dr. Mateus a fazer aquela coleção. Seria a forma de preencher algum vazio?

Certo é que ele tinha uns trinta e poucos anos. E tudo o mais que se possa dizer de interessante em um homem. Já era médico quando veio a pandemia. E isso lhe conferiu uma vida tranquila. Tinha tudo para si e para a família. Família de cachorros.

Na memorável noite em que Miss Dólar desapareceu, Mateus corria na Lagoa quando encontrou a fugitiva. A cachorrinha passou a acompanhá-lo persistentemente. Ele, notando que estava sem dono visível, levou-a para o Recreio.

Chegando em casa, examinou-a cuidadosamente. Miss Dólar era realmente um mimo. A nova hóspede teria um bom futuro na casa. Seu plano, porém, durou o que duram os sonhos: o espaço de uma noite. No dia seguinte, recebeu, num grupo de WhatsApp, o anúncio transcrito acima. A sua paixão pelos cães deu-lhe a medida da dor que devia sofrer o dono ou dona de Miss Dólar. E resolveu restituí-la. Não sem mágoa no coração. Venceu a consciência tranquila de bom moço. Ligou para o número do anúncio e anotou o endereço.

III

O condomínio era daqueles de

luxo na Delfim Moreira e indicava a abastança de quem lá morava. Antes mesmo que Mateus interfonasse, Miss Dólar, reconhecendo o pátrio lar, começou a pular de contente. Soltava uns sons alegres e guturais que, se houvesse entre os cães literatura, devia ser um hino de ação de graças. E subiu apressada.

O médico, julgando que havia cumprido sua missão, já estava dando as costas, quando surgiu do elevador, a dona abraçada com Miss Dólar. Mel era uma moça que representava vinte e oito anos. No pleno desenvolvimento da sua beleza. O caule delgado de mármore divinamente esculpido anunciava feminilidade e frescor imponentes. O vestido de seda branca realçava a cor bronzeada e as mechas alouradas naturalmente pelo sol do Leblon. Alongados com uma simplicidade caseira, que é a melhor de todas as modas. Emolduravam um rosto cultivado em jardim europeu, de certa expressão imperiosa. Mas a grande distinção daquele rosto, aquilo que mais prendia os olhos, eram os olhos esmeraldas-em-dia-de-alto-verão. E não eram olhos de ressaca – dessa vez.

IV

Sem mais delongas românticas ou

MODALIDADE CONTO

sarcasmos realistas, que encheriam o papel e arrastariam deveras a história – e, já que passamos do pós-modernismo, enfim... –, não há mais hesitação possível: adiantarei a ação.

Mateus apaixonou-se por Mel. Só não conseguiu decifrá-la de imediato. Embora dona de uma beleza estonteante, ela apresentava certa severidade triste no olhar e na alma. Seria só mais uma característica? Ou resultado de algum episódio da vida?

Fosse o que fosse, decidi, mesmo naquela noite, que nas mãos de Mel estava a chave do seu futuro. Mas, se a história não pode mais ser romântica, nosso herói ainda encarna a alma sonhadora dos ancestrais. É óbvio que declinou da recompensa. Mas, tratou logo de elaborar um plano de felicidade: Mel e ele, unidos pelo amor, beberiam, gota a gota, a taça inteira da celeste felicidade. O sonho de Mateus continha outras particularidades, inenarráveis aqui. Pensou nisso alguns dias. Buscou-a nas redes sociais, transferiu suas corridas para o Jardim de Alah e a orla em frente ao condomínio dela, sem sucesso. Nunca mais viu Mel nem Miss Dólar. Desistiu, afinal. E voltou aos cães.

V

Até que uma noite, saindo o dou-

tor de um teatro com um amigo, surpreende-se com Miss Dólar a pular em sua direção. E a uivar novamente seu hino da ação de graças. Logo atrás, Mel rindo da situação. Se a cachorrinha estava feliz, ainda mais estava a dona. Mas, com toda sua estratégica elegância, não seria agora que deixaria se revelar. Naquela ocasião, cupido melhor que Miss Dólar, só o amigo em comum: Mel e ele tinham estudado juntos. E isso rendeu uma boa conversa.

Saíram dali decididos a marcar um novo encontro. Não posso deixar de concordar que Mateus passou, então, a sorrir com o mesmo ar de satisfação que deve ter um poeta quando escreve o último verso de um poema. Daí em diante, não perdeu mais oportunidades. Investiu e manteve Mel cativa. Digital e presencialmente. Saídas e mais saídas. Mas, nada de abrir a guarda.

O amigo advertiu Mateus: o casamento desfeito a traumatizara. É que o ex-marido a deixou por um amigo do futebol. E ainda levou parte dos seus bens. O que deveria fazer com essa informação? Por mais que deixasse claro seu genuíno interesse e suas boas intenções...

Dois anos se passaram até que Mateus resolveu apostar no tudo ou

nada. Disse que partiria. Ia ficar uma temporada em Miami, precisava de novos ares. Qual não foi sua surpresa ao ouvir, de supetão, que ele poderia ir, desde que ela, Mel, fosse com ele. Melhor que um sim a qualquer pedido formal de casamento. E casaram-se, enfim. E trocaram a viagem para o Taiti. E viveriam felizes para sempre. Não fosse a polarização que tomou conta do país. E entrincheirou mentes e corações: Mateus foi viver em Miami. Finalmente. Sozinho.

É, meu caro: este pós-pós-modernismo não é para amadores. Nem sonhadores. Nem realistas. Não há razão para se caminhar plenamente à afinidade. O absurdo dos tempos é se comprometer por inteiro. Pouquíssimos são os que arriscam a se entregar. E tudo caminha para um fim que se desmancha no ar. As mudanças são rápidas. As pessoas, complexas. Os sentimentos, rarefeitos.

Quanto a Miss Dólar, causa indireta de todos acontecimentos, não saiu ileso dessa era de extremas descartabilidades. Numa de suas fugas, foi pisada por um carro. No enterro, Mel ousou algumas lágrimas menos líquidas. Cobre a sepultura uma lápide com esta simples inscrição:

A Miss Dólar.

PRÊMIO GALARDÃO - Lúcio Rodrigues Junior – Tatuí / São Paulo (SP)

Obra: "REMETIDO SANGUE"

A imagem da mamãe envelhecendo, olhos no chão, envergonhados, vergado o corpo no tempo, cresceu comigo, enraizara-se na pele.

Eu tinha oito anos. Chovia. Aquele homem – o pai – na rua enorme e, nós, cinco irmãos e a mãe, abraçados em frente à casa. Não voltou mais.

Desde então, a vida passou a ser a imagem da chuva nos cabelos da mamãe.

Ela nunca permitiu nem porquê nem senões. Qualquer dúvida cortava no ar a resposta. Bastava o silêncio de um gesto, o olhar perdido na janela, e entendíamos o clamor dos não, que a boca não ousava pronunciar.

Mamãe forte, na vida em que durou.

Morreu aos sessenta. Nunca mais outro homem, nunca outra língua, nunca outro sexo, nunca mais amor. Nunca mais mulher. Agarrava-se aos filhos, às vezes sorriso nos cantos dos lábios; gargalhadas não mais permitidas.

Uma vizinha ali, uma tia acolá, cada vez mais escassa as visitas. Morreu aos sessenta, fisicamente. Na janela. Depois de tanta roupa lavada a pagar por nossas vidas.

Antes, enterrara dois filhos. Restaram-me dois irmãos menores. Aquele homem – o pai – não su-

mira de mim no tempo. Estava comigo, dormia comigo. Era sombra que teimava pra me sentir vivo.

Como se fosse pele, mãos e corpo. Encobria-me nos lençóis, mastigava minha comida, bebia meu vinho envenenado. Aquele homem – o pai – não sumira de mim no tempo. Mas não era um fantasma. Era quase minha alma, quando entrava nos sonhos sem rosto, olhos na nuca, meu destino, minha razão. Meu ódio. Lembrá-lo passou a ser uma maneira de me vingar do tédio e do tempo.

Uma maneira de regurgitar prazer e nojo.

Cresci com ele. A imagem retorcida nos passos sem volta pela rua.

Cresci num adeus. Talvez por isso não consiga ficar, fincar raízes, construir família, amigos, casa. Tenho pés no vento, no ar que me leva sempre para algo não pronunciado, para uma palavra nunca dita. Sou uma fuga.

Os dois irmãos se casaram, família, filhos. Só eu só. Refém. Poucas notícias, depois daquele vulto sumindo na rua. Soube que construía nova família, outros filhos, numa cidade vizinha.

Como perdoá-lo, depois da chuva nos cabelos de mamãe? Como esquecê-lo, perdido?

Agora, essa vontade de vingança que não sei bem onde explodira. Essa faca na mão – como explicá-la? Por que, depois de tanto tempo, a vontade de encontrá-lo? A vontade do confronto, do duelo? O desejo de abrir esse vulcão? Essa querença de vida e de morte? Nada me respondia. Nem o espan-to. Nem a cegueira. Nem Deus nem o diabo. Era ele e eu – e um adeus no meio.

Cheguei cedo à cidadezinha. Uma rua principal asfaltada, outras ruelas que se esgarçavam, em barro e lama.

Pedi água num boteco. As mãos no bolso do paletó tremiam. O objeto cortante furava o pano e quase rasgava minha pele. Como voltar? Por que continuar? Por que razões a vida me escolhia para esse jogo de dados?

Pensei que os poucos olhares da cidade imaginassem sobre minha chegada. Saberiam de tudo. Senti calafrios. Mas a voz da mãe na janela da casa, com os cabelos e o rosto molhados de chuva, perguntou:

- O senhor conhece por aqui o Seu Josué?

A pergunta me soava como gelo no sol. Sentia-me derreter, pequeno, arrependido, querendo

voltar. Mas a vida não é uma luta de boxe. No boxe, pode soar o gongo antes da derrota. A vida é abismo sobre abismo.

- Seu Josué? O enfermeiro? E quem não conhece aquele santo homem por aqui, meu Deus! Aqui na cidade é ele na terra e Cristo no céu!

Aquele dali só sabe fazer o bem. Sai por aí, de casa em casa, a cuidar dos velhinhos e das crianças, cuida da saúde delas, dá remédio, até abriu uma creche para ensinar o povo a ler e a escrever... Seu Josué é mesmo um santo, seu moço!... Mas quem é que pergunta?!

O suor de um vento frio me passou no rosto, as pernas tremeram. Pensei que fosse desmaiar. E agora?! Que merda eu to fazendo aqui?!

- Eu sou filho dele - disse, sem muita certeza.

- Filho?! O senhor disse filho?! O moço é filho do Seu Josué? Meu Deus do Céu, que coisa boa! Me dê um abraço, moço! Filho dele é como se fosse meu filho também...

Abraçou-me, realmente, emocionado. - Venha, vou lhe mostrar onde fica a casa dele.

A casa amarela era simples, bem cuidada, com jardim e portão de madeira. Fiquei bom tempo parado,

na calçada em frente. A faca no bolso, olhar vidrado à espreita. Um adeus no peito. Uma dor que vinha de imemoriais poeiras.

Um velho surgiu na varanda, caminhando lento, arrastando chinelos. Era como se eu quisesse fugir da realidade, e ela me chegasse em sombras e espelhos. E nunca o sonho se fizesse tão real!

Abriu o portão e dirigiu-se à rua. Calça listrada feito pijama. Camisa branca de botões. Pele morena. Caminhava devagar sob o peso dos ombros. O pai!

Aos poucos, segui-o. Corpo em febre, olhos em fogo. Coração estilhaçado. O sangue nos dedos. Bati em seu ombro.

Todos os deuses dos anos perdidos, todos os santos dos tempos passados, todas as músicas não mais ouvidas, todos os latidos dos cães, todos os ventos bravios, todos os amores esquecidos, todas as vergonhas das virgens, todas as ruínas, todos os risos dos demônios, enfim, todas as dores ali se aplacaram.

O corpo voltou-se vagarosamente. Fixou seus olhos nos meus. Não precisou um gesto a mais.

- Leandro, meu filho! Uma lágrima de mais de vinte anos rolou em meu rosto.

MODALIDADE CRÔNICA

1° LUGAR - Rodrigo Cañete Madeira – Curitiba / Paraná (PR)

Obra: “MEU EMÉRITO BARBEIRO”

Meu barbeiro entende de tudo. De astrologia, de Bíblia, de ervas medicinais. De decoração e restauranteria. Cutelaria, psiquiatria e botânica. Mineralogia e arquitetura. De carros, bicicletas, motocicletas e aviões. Tem noções avançadas de matemática, gramática e semiótica (embora desconheça a palavra). Mais: esbanja sabença em siderurgia, astrofísica e pescaria. E se calhar, se a situação exigir ou o silêncio obrigar, se vira com garbo pelos áridos temas da telepatia, da política lituana e das moquecas de siri.

– O petróleo Brent é diferente do WTI porque...

Ou então:

– O financiamento de campanhas virou um segundo jogo do bicho – e lança mão de uma fileira de argumentos que aprendeu, literalmente, de orelhada.

A vida é uma encruzilhada de talvezes? Não, não pra ele. Imagina! É justamente o contrário: na dúvida, tenha sempre certeza!

– Claro que chuchu afina o sangue!

E quando pergunta, é pura retórica:

– Os levitas por um acaso estavam brincando?

Numa ocasião, cortava o cabelo de um professor de astronomia. (Eu, fingindo distrair-me com uma revista,

esperava minha vez.) Não se fez de rogado. Tinha aprendido tudo sobre o tema com um coronel reformado da PM. E entabulou apaixonada discussão de minuto e meio:

– Sim, Plutão é sim um planeta! Possui os três requisitos: gira em torno duma estrela, é redondo e, gravitacionalmente, é o objeto dominante da sua órbita. Não é um planeta? Só me faltava essa...

A primeira opinião que ouvi sobre qualquer assunto cria em suas concepções raízes tão fundas que ele seria capaz de ensinar prosódia alemã a um alemão – afinal, aprendera “aquela palavra” com um aluno do Goethe – ou hierar-

quia eclesiástica ao arcebispo. Além disso, é um exímio contador de histórias. Todas reais. E alheias.

– Meu vizinho de porta, dono da loja de lingerie, tá sendo enganado pela esposa!

Seus causos e relatos vão sempre num crescendo. Quando chega ao pezinho dos cabelos, breca tudo, posiciona-se à frente do cliente e, pente e tesoura em punhos, descreve com o corpo inteiro como Davi triunfou sobre Golias ou Vinícius Júnior meteu na gaveta do Barcelona.

Há quinze dias, da última vez que fui lá, o SBT mostrava uma imagem caleidoscópica do Silvio Santos...

– É um sócia, sabia? O Silvio morreu já tem 13 anos.

E em seguida espocou outra imagem na telinha: Dustin Hoffman, em Hook - A Volta do Capitão Gancho...

– Robert de Niro. Baita ator! Fez aquele filme... como é mesmo o nome? – e estalava os dedos. – Perfume de Mulher!

Enfim. Um príndigo prodígio. Barbeiro de boa água, doutor em taxismo pela Universidade Harvard. E a 50 reais o corte! A ele devo tudo que aprendi, ó leitor, sobre as coisas que eu e ele ignoramos.

P.S. Ah, sim! E antes que cê me pergunte: o corte ficou ótimo.

2° LUGAR - Francisco Falabella Rocha - Belo Horizonte / Minas Gerais (MG)

Obra: “ACABOU A POESIA!”

O filósofo francês Edgar Morin diz que vivemos o período de maior conflito do homem: a crise da razão e dos valores da humanidade. Se chega a tanto, eu não sei. O que posso afirmar é que não existe, em toda a história, um período mais esculhambado que o atual. Nota-se na prática, por todos os lados que se olha: pessoas irritadas, conversas chatas, músicas ruins, filmes fracos, livros medíocres, ideias retrógradas ou a falta completa de humor. Com raríssimas – íssimas, íssimas – exceções, que só confirmam a regra (e o vazio).

Em uma conta rápida, percebi que existem apenas cinco pessoas com as quais é possível beber, em toda a cidade. Não digo conversas transcendentais, papos revolucionários, colóquios filosóficos... Digo apenas sentar, beber e conseguir conversar, sem ambos terem as inteligências e os humores violados. Minto. Revendo o cálculo, eu abaixo para três pessoas, em todo o estado. É menos de cinco por cento do meu convívio diário. Faça você a conta...

Eu conversava sobre isso com o Bob, no bar do Bola. “Como chegamos à fria em que estamos e como sairemos dela?” Ao virar o último copo, com o drama necessário, ele anunciou o que lhe parecia óbvio: “Acabou a poesia!” Eu balancei a cabeça e foi preciso apenas um olhar para que ambos entendêssemos tudo que cada um dizia – e queria dizer. As longas e verdadeiras amizades permitem esse tipo de experiência. Quanto mais tempo, menos palavras. Foi nessa hora que a conta chegou. Mais uma vez, não foi pelo meu desejo; estávamos sendo expulsos do bar quando o relógio da igreja marcava apenas 23:10. “Acabou a poesia!” repetiu Bob, levantando-se da cadeira e ficando mais triste, a cada passo, com a situação. Com dois latões de cerveja nas

mãos, nós rodávamos o bairro, como dois cães perdidos na noite. Foi ele que atirou a lata vazia na parede e gritou para a rua inabitada.

A cada vez que falava, a frase ganhava mais sentido simbólico. Pensei que aquela mesma frase poderia ser um poema em uma exposição picareta organizada em homenagem a Ferreira Gullar, no dia de sua morte. Porém, até mesmo isso pareceu distante – digo a exposição e não a morte de Ferreira Gullar, que fatalmente chegará. A luta corporal é um livro esplêndido.

Poesia em prosa como nunca antes se viu. O problema é que o país não sabe lidar com o talento. Uma estátua ou um caixão. Ou melhor, primeiro o caixão, depois a estátua. No fundo, eles só querem matar os poetas, a poesia e ter a essência de tudo sugada. Hoje, lê-se um poema como um anúncio de apartamento e é difícil dizer qual exposição não é picareta.

Falei tudo isso para Bob, mas ele não escutou – permanecia de luto pelo bar. Rodamos por vários quarteirões até pararmos no Aloísio’s, um trailer de hambúrguer que varava a madrugada. A placa no trailer havia mudado. O sanduíche podião transformou-se em Hamburgueria do Aloísio. Era só o que me faltava... O que Edgar Morin diria sobre o trailer? Bob, inconsolável, repetia a máxima encarando o chão. “Acabou a poesia!” Nós odiávamos aquele lugar e não era mesmo a nossa noite; além da poesia, o bacon e a carne também estavam em falta. O X-Egg Chicken – em português claro: pão com ovo e frango – não saciava a fome, a gula e a alma; como o bom e velho X-Bacon.

Bob, que andava monotemático (repetia Acabou a poesia!), em uma torrente de amargura ao mundo, falou por horas. Eu

admirava o seu jeito extremo e pouco paciente com as coisas. Uma mania de grandeza que só os gênios e os loucos possuíam e ele era, ao mesmo tempo, os dois. Naquela noite, ele via uma barreira impermeável pela frente. Infelizmente, não era só uma fase ruim, essa era a marca dos novos tempos. Não era só a falta de Bandeira, Vinícius, Pessoa, Leminski, Elliot, Whitman ou Dylan Thomas... Era o ataque da seleção, o milho transgênico na cerveja, o horário dos bares, a crônica do jornal, os enormes prédios, a forma como se mascava um chicletes... Em tudo faltava poesia. Por exemplo, o desenho dos carros modernos. Bob lembrava com alegria do Fusca, Monza, Comodoro, Opala Diplomata... Cada carro tinha uma forma única, que era reconhecida até pelo mais desatento transeunte. Que diferença!

O escritor americano Charles Bukowski já disse que é tudo uma questão de estilo. Com estilo, até abrir uma lata de sardinha pode ser uma arte. Muitos não têm estilo, muitos não conseguem manter estilo. Garcia Lorca, Ernest Hemingway, Jesus Cristo... todos eles tinham estilo.

E ali estávamos no último trailer de sanduíche do bairro – ou hamburgueria do Aloísio; como queiram –, esperando por qualquer demonstração de estilo, ação, poesia ou sopro de vida. Ela chegou cambaleando... virou o meu copo de cerveja e mandou o Aloísio, o mundo e a gente à merda. Estava cansada de tudo. Devo confessar, o início surpreendia, havia alguma poesia na sua raiva e no seu contorno. Finalmente algo autêntico que espantava o marasmo... Mas os seus versos curtos acabaram antes do esperado. Bêbada, ela desabou no chão e lá permaneceu. A morte vencida, decretava o fim de tudo. O trailer fechou e nós fomos

embora, sentindo como duas múmias. Na subida do morro, Bob e eu revezávamos em segurar a mulher no colo... Era a poesia morta nos braços, apenas esperando pela sua cerimônia fúnebre.

A velha encarou a gente com o semblante fechado e a voz ríspida, não entendia que éramos os mocinhos e não os vilões da história. De qualquer forma, a mulher estava a salvo e já se mexia. Eu, antes de partir, sorratamente, rabisquei algo no papel e deixei no seu bolso.

Despedi de Bob e andei até o ponto de ônibus; cabisbaixo, triste com o mundo, bebendo cerveja em lata, enquanto o dia amanhecia. Viveríamos sempre na nostalgia de uma época melhor que havia passado? Cheguei bêbado à minha casa e antes de dormir fiz questão de reler “Elegia 1938”. Por um instante, pensei saber exatamente o que Drummond sentia. Eu também trabalhava sem alegria para um mundo caduco e o meu coração orgulhoso, mais que qualquer um, tinha pressa de confessar sua derrota. Mas eu não podia sozinho dinamitar toda a cidade. Naquele momento, apenas o poema no papel fazia sentido. Reli, dei e dormi.

Quando acordei, sentia uma das piores ressacas da vida. Não sabia se era a falta da poesia ou a ausência da Coca-Cola da reabilitação ao corpo que já envelhecia – isso nem prosa ou verso mudaria. Às vezes, essa era a questão: estávamos apenas velhos.

Pela noite, nós sentamos no mesmo bar, um pouco mais pessimistas que no dia anterior. Por algum motivo, eu só pensava no que a loira diria da frase rabiscada no papel, quando acordasse. Era 22h41, quando a conta chegou na mesa e a grade de ferro do bar foi abaixada. Bob pegou os dois latões e nós caminhamos pelo bairro.

MODALIDADE POESIA

1º LUGAR - José de Assis Freitas Filho - Feira de Santana / Bahia (BA)
Obra: "ENSAIO PARA UMA TEORIA SOBRE O CRITÉRIO DA VERDADE"

1
alguém viu o silêncio que perdi
o filme de buñuel que tra-
vou no videocassete
aquele vinil do pink floyd
que deu de pipocar
justamente na faixa breath
o livro de borges que esqueci numa viagem
o poema de pessoa que eu tentei balbuciar

2
alguém viu meus olhos na úl-
tima madrugada
os cadarços do conga que
me faziam tropeçar
aquela menina que me prometia arrebóis
o abraço do amigo que viajou mais cedo

3
alguém viu o pouso do homem na lua
a semana que passei na cidade de cortázar
o movimento invisível do pôr do sol
o sorriso de monalisa da julia roberts
aquela gaita dilaceran-
te em midnight cowboy
as mãos trêmulas para dizer eu te amo

4
alguém viu o beijo de jesus em judas
a face de midas edificada em ouro
a babilônia destruída pela algaravia
joão recitando os sete selos do apocalipse

5
alguém viu a inundação do rio amarelo
a voz de deus nas mãos de glenn gould
intuiu que alumbramento não tem limite
que o adágio de mahler é uma epifania
que cartier bresson roubava almas nas fotos

6
alguém viu o desastre do meu coração
o trem descarrilado dos meus passos
esta ausência de tudo que me arruína
a ponte que não consigo atravessar
o rosto da solidão que me beija o peito

7
alguém viu o itinerário de sombras
a fogueira que não acendeu na noite de frio
aquele cigarro que me escapou dos lábios
a sensação de chuva eterna nos cabelos
a saudação do Esteves em frente à tabacaria

8
alguém viu o infante que de-
sapareceu no mar
o barco de rimbaut descendo aos infernos
a corda que não cessa de apertar
navalha, a adaga, o punhal, o cutelo
o ópio, o ácido, a anfetamina
a ideia de eternidade que consome a palavra

2º LUGAR - Sílvio Valentin Liorbano – Osasco / São Paulo (SP)
Obra: "A LÁGRIMA DO PEIXE"

I
De não em não
Na boca Yanomami
(Des) nutrição.

II
Bashô que se queixe
Mercúrio no rio
A lágrima do peixe.

III
Pepita por pepita
O ouro (des) mata
A natureza grita.

IV
Vejam vocês
Em terras indígenas
O holocausto outra vez.

V
Vê se escuta
O leite materno
Tem sabor de cicuta.

VI
Querem amenidades,
Mas há dor
No âmago das sociedades.

VII
O tempo acomoda as eras
A vida será devorada
Pela boca das Quimeras?

VIII
Ouçamos o que resta:
O canto dos pássaros,
Os espíritos da floresta.

IX
O murmúrio do vento
Sussurrando flores
Um beija-flor num voo lento.

X
As chuvas banhando a roça,
O frutificar de novas gerações
Numa colheita nossa.

XI
As bocas a sugar sem receio
Filhotes de bicho e gente
Leite materno do mesmo seio.

XII
O riso de quem mergulha sem dor
No rio criança Yanomami
Ventre dos filhos do amor.

3º LUGAR - Daniela Rezende Seixo de Brito Mendes Fernandes – Goiânia / Goiás (GO)
Obra: "PINCELADAS DO MESTRE"

Enquanto Michelangelo
materializava a suprema criação
no paraíso da onisciência,
o próprio Deus escolhia as cores da paleta,
sem ninguém perceber,
e gargalhava
do estranhamento pudico
dos sábios estudiosos das escrituras.

Deus-e-o-homem.

A generosidade sem tamanho
do sopro da centelha divina
descabelou,
despudoradamente,
a plenitude das nuvens no céu.
Querubins e Serafins emolduravam,
no afresco e no infinito,
o Criador soberano.
Se ouvia, ao longe,
o coro cintilante,
embasbacado,
dos bebês alados,
diante-de-espetacular-audaciosa-criação.
Ah, se eu tivesse asas!

E ela? Pobre Eva!
Esperava curiosa e
desconsertada,
sem perder,
de seu olhar distante,
qualquer movimento na Terra,
na intenção divina de existir.
Do altar
se ouvia sua insondável respiração
a cada vigorosa pincelada.
Quase se desprendia do teto.

Deveria ter aproveitado mais o conforto dos
braços do Criador.

Crentes e ateus hipnotizados
pelas formas e nuances
instigando o imaginativo e a fé,
de cada fiel desleal
atolado em crenças,
castigos e questionamentos repreensíveis,
colocando em risco
qualquer uma das Cartas aos Apóstolos.

Do Livro Sagrado,
de palavras imutáveis,
infinitas interpretações divergentes
e tonteantes
flutuam,
frutos de uma releitura de decoros.
Pontos de vista?
Poder.
Paraísos fadados a perpétuas discussões.

Fazer o quê?

O autogoverno
do recontar e recriar
conforme conveniências,
foi ideia dEle,
ao apresentar o livre arbítrio,
num devaneio ou deleite,
entre uma e outra taça de vinho
de um encontro social.

O-homem-e-Deus

- Afasta-te! Não preciso de Ti.
Pobre Adão.

É Ele quem não precisa de nós.
Não percebe?

Curiosamente Ele sentiu contorcer-se
como se vísceras tivesse,
na dor infinita
de expulsar sua "perfeição" do Éden.
A Sua maior criação
exterminou Sua paz.

A criação atrevida, caminha.
Caminha por si.
Final, é a semelhança idêntica
de tudo o que É.
Sente-se só.
E a concha da Santíssima Trindade
ainda escuta,
benevolamente,
e atende:
- Misericórdia, oh Pai!

O teto
infinito
da Capela.
Paraíso ou Juízo?
Oh, Capela!
Talvez, um dia,
nossos dedos voltem a se tocar.

Buonarroti! Buonarroti!
Por que semeastes caraminholas em meus
pensamentos?
Maldito alcoviteiro!

Deus-e-o-homem.
O-homem-e-Deus.

PRÊMIO GALARDÃO
Danielle Oliveira de Menezes
Pinto Rafful Kanawaty
Tatuí / São Paulo (SP)
Obra: "SOPA DE LETRINHAS"

Misturar as palavras
Rende versos bem cozidos
De comer com os olhos

Saem da ponta da pena
Lambem a imaginação
Lacrimam ao gosto das mãos

Anseios salgados
De doces suspiros sobre a mesa
Depois de amargo café
Pura alquimia

A caneta faz as vezes da colher
E se mete a temperar
E acertar a mão
Da vida.